

GEOGRAFIA E TURISMO: EXEMPLOS, PROBLEMAS E REFLEXÕES

Dada a diversidade das definições científicas de turismo, tomaremos o termo num sentido bastante lato — o *de recreio implicando deslocações*. Serão deste modo abrangidas todas as pessoas que, durante as férias, fazem estadias mais ou menos prolongadas nas suas residências secundárias, em apartamentos e moradias — arrendadas temporariamente — e em quartos alugados em casas de particulares, nos parques de campismo, nas pensões e hotéis e ainda em casas de familiares e amigos, umas e outras escolhidas por se situarem em lugares e ambientes naturais e humanos não do dia-a-dia — *turismo sedentário*; igualmente as que deambulam de um local a outro, alongando a sua lista de terras percorridas mas meio indiferentes à originalidade regional e local das paisagens e das gentes — *turismo itinerante*; e também as *migrações de fim-de-semana*, que afectam contingentes muito numerosos, embora repartindo-se com uma menor amplitude geográfica.

Os efeitos na fisionomia das regiões de convergência e nos géneros de vida das populações residentes variam com a dominância de um ou de outro tipo de turismo. A sua intensidade é função da maior ou menor instabilidade da população flutuante. Os turistas de passagem, retidos algumas horas na contemplação de um recanto bucólico, na de uma topografia grandiosa ou na visita de um monumento, movimentam restaurantes, bares, estabelecimentos de comércio muito especializados e mais raramente albergues. Os turistas permanentes alimentam um equipamento comercial, de recreio e de ócio, bastante diversificado e

determinam urbanizações adequadas à sua presença e às suas formas de viver as férias.

Entre estes dois tipos de turismo há muitos outros de transição. Estatisticamente, a separação é sempre difícil. Quantos, depois de rolarem durante algumas centenas de quilómetros, decidem fixar-se num lugar aprazível, por vezes também pouco dispendioso, e neste «novo mundo» viver repousadamente os últimos dias de férias ou (e) contactar com as populações locais, apreendendo os seus problemas e os seus valores morais e materiais? As migrações de recreio são, por outro lado, misturadas com outras determinadas por motivos profissionais: viajantes comerciais, dirigentes ou fiscais de redes de estabelecimentos com sedes em capitais prestigiosas, estudiosos em trabalho de campo, para não falarmos dos emigrantes dos países pobres que, sob a protecção de um passaporte turístico, abastecem o mercado de mão-de-obra das nações ricas. Por comodidade, considera-se como turistas toda a população presente mas não residente, podendo exercer uma actividade lucrativa paga por uma região distante ou por um país estrangeiro.

Não se trata de um fenómeno novo. Muitas civilizações anteriores ao século XIX o conheceram: residências secundárias nos subúrbios de Atenas; entre os Romanos, as termas reuniam as classes privilegiadas, como as de Pompeia, S. Rafael, Hyères ou Meróbriga. Tal como hoje, estas formas de vida, que afectaram então apenas uma pequena *élite*, desenvolveram-se num mundo enriquecido e politicamente estável: correspondem ao supérfluo que a mais pequena crise põe em jogo. As sucessivas invasões bárbaras e a queda progressiva do Império, desorganizando o comércio e empobrecendo a economia, inevitavelmente votaram à estagnação as aglomerações de recreio dos Romanos. O movimento reaparece na Idade Média, mas com feição e motivos diferentes: o culto dos lugares sagrados, as peregrinações ou as romarias — tocando todas as classes sociais, indiferentes ao esforço de longas caminhadas, por vezes a pé e sem o menor conforto. Meca e Jerusalém são cidades a visitar, pelo menos uma vez na vida, mas outros centros, como Roma e Santiago de Compostela, ganham quase idêntica projecção.

Uma nova fase da história do mundo conhecido se esboçava. Os descobrimentos alargaram consideravelmente os horizontes. Generalizou-se o interesse e a paixão por regiões diferentes e populações exóticas. Formam-se grandes impérios coloniais, organiza-se o comércio e, apoiada pela circulação e acumulação de dinheiro, de matérias-primas e pela criação de novos mercados, começa, desde os meados do século XVIII, a Revolução Industrial, seguida de importante movimento de proletarianização e de crescimento urbano.

O TURISMO NAS SOCIEDADES MODERNAS

a) *Aspectos sociais.* — Quando se fala em civilização contemporânea, pensa-se quase sempre numa civilização de trabalho onde o tempo é contado por minutos. A escravatura deu lugar a uma nova forma de

servidão: a do trabalho contínuo, regulado, durante dias intermináveis. Mas o progresso técnico permite o progresso social. As modernas classes trabalhadoras dos países economicamente desenvolvidos não conhecem o género de vida e o nível de consumo das dos meados do século passado, quando gente de todas as idades trabalhava mais de quinze horas por dia nas minas, manufacturas têxteis e metalurgia e regressava, de bolsos quase vazios, às desconfortáveis barracas que lhes serviam de lares.

O aumento da produtividade reflecte-se na evolução dos salários reais anuais, na tendência para um certo nivelamento económico, pela atenuação das grandes disparidades entre categorias profissionais, na redução da duração dos horários de trabalho, na extensão da escolaridade obrigatória, no direito a férias, semana «inglesa», seguros sociais, abonos de família e reformas.

A maior esperança de vida das novas gerações vai deixando a população reformada alguns anos para concretizar os seus sonhos: gozar o silêncio e a calma de um lugar soalheiro e bucólico e repousar, sem obrigação de olhar o relógio, numa residência com jardim, horta e alguns animais. Recordemos, a propósito, o envelhecimento das estruturas demográficas da Provença e Côte d'Azur e, de uma maneira geral, de toda a França mediterrânea. A imigração turística estacional seguiu-se uma imigração residencial de gente idosa, fazendo-as figurar entre as regiões de maior acréscimo demográfico. O mesmo facto observa-se já no litoral algarvio, que atrai reformados ingleses e alemães.

As condições de trabalho melhoraram igualmente; duas imagens de um mesmo tipo de fábrica têxtil ou metalúrgica, distanciadas tecnicamente de meio século, provam-no: a automatização e o asseio generalizam-se, o barulho por vezes diminui, o ar torna-se mais respirável... e o trabalho mais rotineiro. E. G. HOURDIN lembra: «Basta termos trabalhado em tarefas monótonas, numa empresa pouco importante, para conhecermos esta espécie de embriaguês que à sexta à noite atinge os assalariados quando pisam o passeio, uma vez deixado para trás o portão de saída, ao pensarem nesta fracção de tempo futuro e já presente que poderão organizar a seu gosto, segundo a sua vocação, a sua fantasia ou as suas necessidades. Olhai-o ao deixar o trabalho. Levanta a cabeça para o céu. Olha os que passam com repentina simpatia. Respira fundo. É livre para ir e vir, à sua vontade» (1).

A supressão da escravatura à profissão foi seguida de escravatura à máquina, bem sentida por aqueles cuja tarefa consiste apenas em vigiar as luzes indicativas da marcha do circuito de produção (filme «Tempos Modernos»). É quase certo que a elevação do nível intelectual dos empregados será seguida da sua participação na direcção técnica das empresas, do alargamento dos quadros em detrimento do proletariado, mas o movimento esboça-se apenas.

A monotonia das profissões actuais é muito geral, e daí a necessidade de compensar a falta quotidiana de possibilidade de realização

(1) GEORGES HOURDIN, *Une Civilisation des Loisirs*. Calmann-Lévy, Paris, 1961, 200 pp.

peçoal pela utilização a bel-prazer das férias e fins-de-semana, o que é novo apenas no aspecto organizado e na amplitude.

Convém, no entanto, não esquecer que o progresso técnico não alcançou por toda a parte o mesmo grau de desenvolvimento. J. FOURASTIÉ (*) salientou como «nesta marcha para o progresso muitas nações se atrasaram de várias dezenas de anos e que algumas des-pontam apenas». Na América, na Índia, mesmo na Europa, em África, como A. PATTON descreve em páginas emocionantes no seu romance *Chora Terra bem Amada*, a propósito da população mineira de Joanesburgo, sociedades arrancadas ao grupo e ao espaço familiar, descrentes do valor da sua própria civilização, amontoam-se nos bairros de lata das grandes capitais.

b) *A civilização contemporânea, uma civilização urbana.* — Paralelamente ao desenvolvimento económico e social do último século, ligado ao progresso técnico e industrial, registou-se a concentração da produção em unidades de dimensões e espaços económicos crescentes. A população «modernamente activa» concentrou-se na proximidade dos lugares de trabalho — minas ou fábricas —, fazendo crescer antigas aldeias e vilas, mas também aumentando desmedidamente as cidades anteriores e criando outras de novo, do nada, no meio de vastos terrenos agrícolas ou incultos.

A revolução industrial tem como corolário um vasto movimento de urbanização, que caracteriza a civilização moderna. Este fenómeno urbano começou na Inglaterra, ainda nos fins do século XVIII, e estendeu-se depois à Europa continental, à América, à URSS, ao Japão, à China..., onde os coeficientes de urbanização vão aumentando segundo o ritmo de industrialização, de equipamento em transportes modernos, e o grau de concentração dos meios de produção. Não vamos recordar as suas fases e variações; muito menos os problemas de urbanismo por ela levantados. Basta-nos lembrar o seu carácter recente, que o número mundial de cidades de mais de um milhão de habitantes atinge a centena (19 têm mais de três milhões) e o das de mais de 100 000 habitantes ultrapassa o milhar.

O crescimento foi quase sempre espontâneo, fez proliferar os arrabaldes periféricos, justapondo-os ao sabor das especulações fundiárias e reservando-lhe a função habitacional, mais raramente a comercial e cultural e muito excepcionalmente a do trabalho, donde resulta um ritmo de vida urbano esgotante, fixado por horários rígidos. As migrações pendulares são em grande parte a causa: de manhã e ao fim da tarde a população activa e escolar cansa-se, física e psicológicamente, por entre avalanchas de gente, engarrafamentos na circulação, barulho e ar poluído, perdida numa multidão anónima que a empurra à entrada do metropolitano, na travessia das ruas...

Mas a cidade não é apenas um quadro de vida, uma sucessão de espaços construídos; é um meio humano que, crescendo ao acaso,

(*) J. FOURASTIÉ, *La Civilisation de 1975*. «Que sais-je?», n.º 279. P. U. F., Paris, 1959.

perdeu a harmonia, a orgânica, a intimidade e foi-se tornando inabitável. Vêem-se os antigos centros serem abandonados pela população residente e especializarem-se na concentração de funções terciárias de nível superior, enquanto os maiores acréscimos de densidade demográfica se registam em áreas cada vez mais periféricas. A cidade estende-se, forma uma grande concentração sem unidade, sem personalidade colectiva. A população choca-se mas desconhece-se; morrem os laços de vizinhança e à noite, separada do grupo de trabalho ou de estudo, a vida social morre também e com ela os contactos diversos, importante fonte de enriquecimento pessoal.

Num mundo metamorfozido pela construção, onde até os espaços verdes são racionalmente estruturados, o dia-a-dia pode tornar-se um pesadelo. Fala-se do «inferno das cidades», do «nível óptimo das cidades», das nevroses urbanas, e PH. LAURENT escreve: «Há três dias que caminha. Dia e noite. Incansável. Sempre em frente para sair da cidade. Esta ideia domina-o como um desejo calmo e imperativo. Partir, atravessar os terrenos construídos e encontrar os espaços da sua infância. Encher-se de ar puro, ver verdadeiras árvores, tocar a terra, retomar por um tempo os ritmos da natureza. Fazer umas grandes férias, ser livre para seguir o seu caminho sem olhar o relógio. E partiu, sempre em frente, ao encontro do nascer do sol. Avançando assim espera sair da cidade, encontrar primeiro a porta...» (2), exprimindo, deste modo, o sonho de fuga a esta pesada ecologia, de grande parte da população citadina, de origem rural ou não.

c) *O surto do turismo.* — A urbanização tende a universalizar-se. Cada grande cidade dos países industriais e progressistas é sede de uma população numerosa, dispondo de meios económicos e técnicos, de tempo livre, e que sente necessidade de se afastar desse quadro esgotante. Como irá utilizar esse tempo livre? De maneiras diversas, conforme os valores pessoais, mais ou menos influenciadas pela moda, em todo o caso sempre pela sociedade. Na forma de viver estes intervalos da vida anual, procurando repouso, cultura, distrações, desportos ou viagens pelo campo, beira-mar, montanha ou outras cidades, poderá realizar-se a personalidade humana. Uma «religião das férias» tende para a universalidade, mas segundo ritos diferentes. Que a formação de grupos e a industrialização do recreio não destruam o valor da luta social que conquistou a cronómetro esta margem de independência pessoal.

O turismo, até aos anos de 1925-1930, teve uma importância geográfica e económica limitada. Era um luxo das aristocracias e burguesias endinheiradas, que passavam o Inverno em sítios favorecidos pelo sol como a Côte d'Azur (Nice teve uma colónia inglesa desde os meados do século XVIII), a Florida, a Califórnia, ou se deslocavam temporária-

(2) HÉRVÉ CARRIER et PHILIPPE LAURENT, «Nuit sur Mégapolis» in *Le Phénomène Urbain*. Collection «Recherches économiques et sociales». Aubier-Montaigne, Paris, 1965.

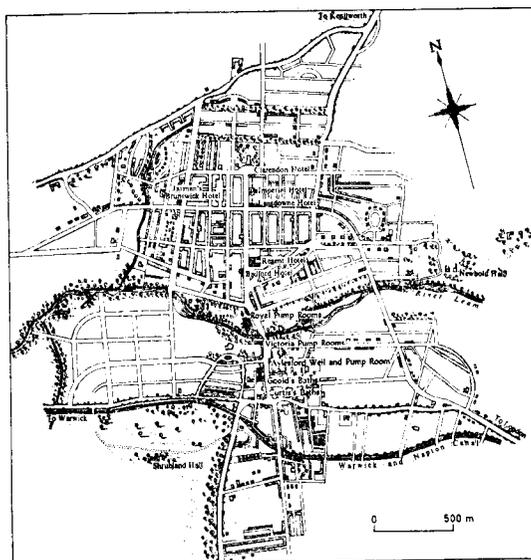


Fig. 1 — Termas Reais de Leamington, em 1843, segundo S. E. K. NICKLIN. A sul do rio Leam situa-se o núcleo primitivo e a norte a parte mais nova da aglomeração com ruas largas e regulares, abertas nos princípios do século XIX. Os maiores hotéis localizam-se ao longo do principal eixo no sentido norte-sul, que é ao mesmo tempo a rua de mais intenso comércio. Junto do Leam, onde se encontravam várias fontes termais, construíram-se os balneários e ao longo das margens daquele foi arranjado um parque particular, tornado municipal em 1896. (Extraído de *The Spa Towns of Britain*, de J. A. PATMORE, fig. 16, p. 65).

-campo e da geografia das cidades, exprimindo correlações complexas, fez notar o paralelismo entre a amplitude das migrações turísticas e a evolução dos centros de férias com o grau de industrialização, a taxa de urbanização, a democratização do automóvel, a política de tarifas reduzidas para os bilhetes de férias e de fim-de-semana das companhias

(¹) J. A. PATMORE, «The Spa Towns of Britain» in *Urbanization and its Problems*, pp. 45-69, Basil Blackwell, Oxford, 1968.

(²) M. SORRE, «Rythmes urbains annuels et migrations de tourisme» in *Villes et Campagnes*. Deuxième semaine sociologique, organizada pelo Centre d'Études Sociologiques (C. N. R. S.) Colin, Paris, 1951.

mente aos lugares de termas como Vichy, Marienbad, Hanogate, Royal Leamington Spa (fig. 1), Bath (⁴), por vezes com casinos célebres, como Baden-Baden, e, desde meados do século XIX, também para as praias. Todavia, os progressos sociais tornaram-no extensivo à classe média. Fala-se na democratização do turismo, em turismo de massa, como uma característica da civilização contemporânea.

Esta nova forma volumosa de migrações humanas não despertou interesse imediato entre geógrafos, mais virados para os estudos rurais e respectivas migrações. Foi M. SORRE (⁵) quem, em 1950, chamou a atenção para os ritmos de vida e migrações urbanas, entre as quais figuram as migrações turísticas. Ao salientar a sua importância como um dos aspectos das relações cidade-

de caminhos-de-ferro, mais recentemente das companhias aéreas, e a organização de viagens em camionetas. Economistas e sociólogos como E. LEONARD, J. STOETZEL, DUMAZEDIER, R. KOENING e TH. CAPLON salientaram, na mesma altura, a sua importância económica, à escala regional e nacional, e o sentido social de fazer férias em dada época do ano, para as viver num sítio de prestígio, utilizando formas de alojamento e de deslocação segundo a moda.

A evolução da amplitude do turismo mudou por completo de ritmo por volta de 1930, com o aparecimento da circulação automóvel e a extensão das férias pagas, e desde então não cessou de crescer. Constitui hoje uma fonte de riqueza primordial para muitos países subdesenvolvidos (⁶), marginais ao mundo mineiro, entre os quais figuram os do Mediterrâneo, cobijados pelo sol, neve das montanhas alpinas, paisagens vigorosas e contrastantes (do Rif ao deserto), beleza de certos recantos ou riqueza de testemunhos das brilhantes civilizações do passado. Assim, o afluxo de estrangeiros cresceu continuamente, como se vê pelo quadro seguinte, que regista os milhares de entradas (⁷), e as divisas correspondentes significam para esses países uma exportação fundamental.

	1950	1960	1967
Itália	4 839	(b) 18 010	27 620
Espanha	457	6 113	17 858
Marrocos	144	158	400
Portugal	76	352	2 516
Tunísia	65	53	231
Jugoslávia	39	(c) 872	(a) 3 678
Grécia	33	343	849
Turquia	28	94	296

Será importante lembrar que para muitas indústrias, geograficamente livres, as zonas turísticas atraem com facilidade quadros e empregados. A Florida tornou-se conhecida através de Miami e só mais tarde pelas instalações do Cabo Kennedy; a I. B. M. fixou-se

(⁶) Tomamos o termo subdesenvolvido no sentido corrente, embora muito impreciso. Também para grandes potências como o Canadá, o Reino Unido, a Suíça, a França ou os Estados Unidos o turismo desempenha o papel de importante factor económico. O Reino Unido recebeu 607,8 milhares de visitantes em 1950, estando incluídos os provenientes do Commonwealth e 24,7 residentes no estrangeiro, 1669,2 em 1960 e 2718,0 em 1967. Os E. U. A., 508,7 em 1950 e 9645,4 em 1967. No Canadá, Montréal, por exemplo, é centro de migrações turísticas consideráveis e o turismo figurava, em 1959, como a terceira indústria da região, depois das indústrias têxteis e alimentares, através do capital deixado pelos seus 3 milhões de visitantes anuais que permanecem pelo menos 2 dias e meio, capital que não seria inferior a 75 milhões de dólares. Veja-se, de RICHARD LAPIERRE, «Aspects géographiques du tourisme à Montréal» in *Mélanges Géographiques Canadiens Offerts à R. Blanchard*, pp. 295-303. Les Presses Universitaires Laval, Québec, 1959.

(⁷) *International Travel Statistics* (VIDOT); a, registadas na hotelaria e sanatórios; b, inclui 8910,1 excursionistas; c, registadas na hotelaria. Dados fornecidos pelo Dr. MANUEL ROCHA, a quem igualmente testemunhamos o nosso agradecimento pela leitura crítica deste manuscrito.

recentemente nos arredores de Nice; várias instalações de investigação e de produção do ramo electrotécnico, electrónico, de física nuclear situaram-se em Grenoble, Annecy, Aix-les-Bains⁽⁸⁾. A nova revolução industrial vem oferecer muitas possibilidades às regiões eleitas pelo recreio, podendo até inverter a separação, clássica já, no continente europeu, entre uma Europa rica, a do Norte, das bacias hulheiras e dos grandes complexos industriais, e a mediterrânea, dominada pela pobreza dos solos e dos subsolos⁽⁹⁾.

Notemos também que, por vezes, as receitas turísticas pesam tão largamente na balança de pagamentos que os esforços de desenvolvimento dos respectivos equipamentos tornam-se vultosos: o plano trienal para o período de 1965-1967 de Marrocos previa investimentos industriais da ordem dos 916 milhões de dirhams e investimentos no sector do turismo da ordem dos 429 milhões⁽¹⁰⁾.

UMA NOVA GEOGRAFIA SAZONAL DA POPULAÇÃO

Os movimentos turísticos correspondem a formas particulares de migrações humanas. Como factor geográfico, o seu dinamismo, os seus efeitos na mutação das paisagens, nos géneros de vida das populações locais, nas formas de povoamento e na nova distribuição das densidades demográficas, são função do valor dos fluxos e dos ritmos de deslocação destes nómadas da civilização do século xx. Mas a sua avaliação é ainda mais difícil do que a própria definição: durante o Verão, nas praias, concentra-se uma multidão cosmopolita e de várias classes sociais, seja na Riviera Italiana, em Nice, Biarritz, San Sebastian, Deauville, Miami, Baleares, ou Albufeira, que escapou a todas as estatísticas. O mesmo se pode dizer quanto às estâncias de esqui dos Alpes ou dos Pirenéus.

Geograficamente, o turismo diluiu-se por vastos espaços da beira-mar, montanha e campo, tendo para isso contribuído, neste último caso, a origem rural de muitas das actuais gerações urbanas, que encontram nas casas herdadas dos pais camponeses a sua residência secundária, e ainda nas cidades ricas de monumentos históricos e de arte.

Sazonalmente o turismo complicou-se, e Nice testemunha esta evolução: antigo centro climático, quando entre as *élites* inglesa, parisiense ou russa era de bom tom passar o Inverno à beira do Mediterrâneo, passou a estância estival, mudou de fisionomia com a democratização

(8) J. F. GRAVIER, *L'Aménagement du Territoire et l'Avenir des Régions Françaises*. Flammarion, Paris, 1964, 336 pp.

(9) F. PERRoux considera os espaços económicos das empresas como campos de forças atractivas e repulsivas, com nós nos pólos de desenvolvimento. Se entre uma empresa mineira e uma outra turística as forças são repulsivas, já o mesmo não acontece com as indústrias modernas, de vanguarda, que poderão perfeitamente coexistir. Veja-se *L'Economie du XX^e Siècle*. P. U. F., Paris, 1964.

(10) J. F. TROIN, «Aspects Géographiques de l'Expansion du Tourisme au Maroc», *Revue de Géographie du Maroc*, n.º 11, pp. 39-66, 1967.

do veraneio e tornou-se ponto de apoio para os que se contentam com os desportos da neve nos altos vales da Tinée e da Vésúbie.

Por outro lado, a instabilidade dos turistas acentuou-se. Se a altura da neve não permite o esqui em Megève, passa-se a Chamonix ou aos centros da Suíça; não se gastam umas férias em Nice ou Cannes, mas procura-se conhecer todo o litoral, da Côte des Maures a Menton e até mesmo a Córsega, quando não também à Sardenha. Passam-se uns dias na Costa do Sol, mas muitas vezes atravessa-se depois o estreito em direcção a Tânger ou Ceuta, penetrando em seguida em Marrocos, com direcção a Fês, El-Jadida, Marrakech e Agadir ou, simplesmente, a Tetuão e Al-Hoceima. O turista «sedentário» tende a dar lugar ao turista itinerante, ansioso de novidades.

O estudo científico do turismo exige uma avaliação rigorosa dos valores das divisas entradas em cada país⁽¹¹⁾, do número de estrangeiros que passam as fronteiras, do número de dormidas nos hotéis e pensões e da frequência dos parques de campismo e aldeias de férias; e ainda o conhecimento do comportamento dos visitantes, segundo as nacionalidades e as classes económico-sociais. Estes dados são fundamentais para a definição de uma política de orientação da organização dos equipamentos diversos, em equilíbrio com as exigências da clientela. Por outro lado, implica também o conhecimento da capacidade total de recepção dos hotéis e pensões⁽¹²⁾, parques de campismo⁽¹³⁾ e formas complementares de alojamento. Raras vezes se conhece a duração média das estadas, em relação com as nacionalidades, as classes sociais e as formas de alojamento⁽¹⁴⁾.

Sob o aspecto geográfico, mais do que os números globais, referentes à nação ou à grande região, importa conhecer o total de pessoas que, aproveitando todas as formas de alojamento e todos os meios de transporte, individuais e colectivos, animam temporariamente certos lugares adormecidos, dão vida ao comércio local, cuja estrutura aparece em desequilíbrio (número e qualidade dos estabelecimentos) com o *status* económico da população residente⁽¹⁵⁾, reforçam os orçamentos mensais e o nível de conforto dos que podem dispor de quartos e alugá-los a bons preços por algumas semanas ou meses, estimulam uma horticultura especulativa ou uma pesca de qualidade, criam outras formas de trabalho e novos géneros de vida.

(11) Quase sempre misturadas com outras provenientes de migrações de trabalho, pois entre os países que mais devem ao turismo figuram aqueles que pela pobreza das suas terras e pelo atraso do desenvolvimento industrial, geral ou regional, fornecem maiores contingentes à emigração.

(12) Quase sempre parcial e heterogéneo: número de quartos, de camas de casal ou individuais, divãs.

(13) Normalmente avaliado por defeito.

(14) Na Sardenha pode-se facilmente verificar como os hotéis de primeira categoria são preferidos pelos ingleses, os de segunda pelos franceses e alemães, e ainda que a clientela inglesa faz estadas muito mais longas do que todas as outras, assim como a francesa dos parques de campismo.

(15) Como em Albufeira. Veja C. CAVACO, «Geografia e Turismo no Algarve. Aspectos Contemporâneos». *Finisterra*, iv, 8, pp. 216-272, Lisboa, 1969.

Como avaliá-lo? Em França, o Instituto Francês de Opinião Pública (I. F. O. P.) e o Instituto Nacional de Estatística e Estudos Económicos (I. N. S. E. E.) procedem frequentemente a inquéritos-sondagens e, sobrepondo as conclusões, conseguem definir os traços gerais das férias dos nacionais, segundo a dimensão das cidades de domicílio habitual, as classes sociais, as idades, os meios de transporte, as formas de alojamento preferidas, os lugares de destino, as despesas globais correspondentes, os projectos das férias próximas e os problemas e limitações. Tais conclusões deverão ser verificadas e vários caminhos são sugeridos pelos autores franceses: a análise sistemática das fichas de polícia ou das taxas de turismo que, no entanto, abrangem apenas uma parte da clientela e pouco adiantam quanto à duração das estadas e amplitude dos fluxos; e as variações estacionais do tráfico, igualmente muito incompletas ⁽¹⁶⁾ (fig. 2).

Os geógrafos têm recorrido a meios indirectos. A semelhança do hidrólogo que procura apreciar a amplitude máxima dos caudais de certos cursos de água pelos efeitos das cheias e pelas dimensões dos maiores blocos transportados, partem das variações mensais do consumo de produtos de base ou da análise das novas correntes comerciais ⁽¹⁷⁾ e inferem a importância numérica da clientela sazonal, incluindo a de passagem.

O caminho é espinhoso mas os ensaios realizados mostram-se válidos, e é sempre possível corrigir as conclusões através da sobreposição de resultados. Lembremos, como salienta MARC BOYER ⁽¹⁸⁾, que «não se trata de contar os turistas, em dados locais, como quem conta cabeças de um rebanho transumante», mas antes de avaliar fluxos de homens, mercadorias, capitais, hábitos e ideias, em suma, uma nova organização funcional do espaço e, em ligação com ela, novos arranjos do território. Encarados retrospectivamente, permitem compreender melhor os seus efeitos no tempo e no espaço e, prospectivamente, auxiliam no esforço de atenuação dos desequilíbrios sócio-económico-regionais. Na verdade, o esqui trouxe às montanhas alpinas uma nova revolução; a industrialização dos vales ligada à hulha branca foi

⁽¹⁶⁾ No caso do tráfico rodoviário, os dados limitam-se a contagens de automóveis, não de pessoas, feitas em determinados dias, nos sectores escolhidos das estradas principais. Para as ilhas o problema revela-se mais simples e significativo porque os meios de transporte reduzem-se ao barco e ao avião e porque todo o movimento de chegada e de partida, inclusive o de automóveis, é registado. No entanto, o movimento próprio da ilha aparece misturado: emigração no caso da Córsega; relações de negócio no da Sardenha, cujo surto turístico é posterior ao esforço de desenvolvimento da economia sarda desde a política regional de Mussolini até à concretização do plano do Mezzogiorno, no qual a ilha foi integrada. Ver MONIQUE DACHARY, *Tourisme et Transport en Méditerranée Occidentale (Iles Baléares - Corse et Sardaigne)*. P. U. F., Paris, 1964, 146 pp.

⁽¹⁷⁾ Para Albufeira, o estudo do movimento mensal de um armazenista de artigos de mercearia revelou-se pouco significativo: os abastecimentos precedem os fluxos turísticos. Aliás, a sua área de irradiação estende-se pelo mundo rural, de Loulé a Silves, e o consumo determinado pela imigração temporária de trabalhadores do campo interfere também.

⁽¹⁸⁾ MARC BOYER, «Problèmes de Mesures Statistiques du Phénomène Touristique», *Colloque Géographie et Tourisme*, pp. 7-16, Centre d'Études Supérieures du Tourisme de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Paris, 1963.

seguida da industrialização da neve, que a completa no espaço e no tempo: alta montanha e Inverno ⁽¹⁹⁾; o veraneio é considerado como um factor de desenvolvimento nos planos da Córsega, da Sardenha, do Baixo-Languedoc, da provincia de Huelva ou do Algarve.

O método foi por várias vezes utilizado. E. JUILLARD considerou, ao estudar a Côte des Maures ⁽²⁰⁾, as variações do consumo de farinha: a partir do excedente em relação aos meses sem turismo, como Novembro e Fevereiro, e atribuindo a cada pessoa um consumo médio diário de pão, deduz aproximadamente a amplitude e a duração do fluxo turístico. F. CRIBIER ⁽²¹⁾ retomou-as e, à escala da França, cartografou a distribuição estacional da população, criticando, contudo, o valor e apontando as limitações ⁽²²⁾. Os resultados, traduzidos por departamento, são bastante significativos e revelam a forte concentração estival sobre as praias e regiões de montanha e a perda considerável de população

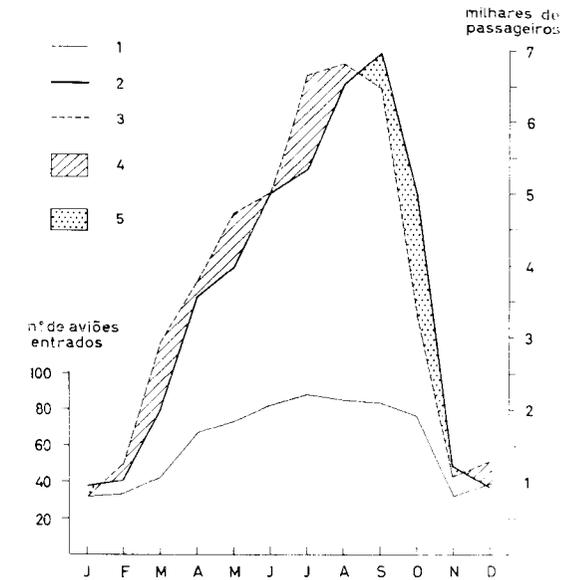


Fig. 2 — Movimento no aeroporto de Faro (1967). 1 — Evolução mensal do número de aviões entrados (total 737, sendo 658 de reacção); 2 — evolução do número de passageiros entrados (total 42 531); 3 — evolução do número de passageiros desembarcados (total 43 884); 4 — saldo do número de passageiros, a favor da província; 5 — déficit do número de passageiros para a província, que se verifica desde meados de Agosto até Fevereiro, com inversão no período do Natal ao Ano Novo, pelo maior movimento nacional de passageiros.

⁽¹⁹⁾ GERMAINE VEYRET-VERNER, «Le Tourisme et les Populations Montagnardes (Exemple des Alpes Françaises)», *Colloque Géographie et Tourisme*, ob. cit., pp. 33-36.

⁽²⁰⁾ E. JUILLARD, «La Côte des Maures», *Revue de Géographie Alpine*, II, 1957.

⁽²¹⁾ F. CRIBIER, «Variations de Consommation de Farine et Migration touristique d'Été en France», *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, Nov. 1961.

⁽²²⁾ Perturbações no abastecimento oficial de farinha, sua conversão em vários tipos de fabrico de pão, migrações sazonais de trabalho, dificuldades de avaliação do consumo médio para a população residente, aliás também variável durante o ano, e mais ainda para a população turística (nacionalidade, nível económico, forma de alojamento, idade... por sua vez alterados pelo ritmo de vida

das áreas mais urbanizadas (fig. 3). A comparação dos dados de Julho e Agosto com os de Setembro põe ainda em evidência algumas características locais: neste último mês, os fluxos permanecem importantes na Côte d'Azur, dada a frequência de estrangeiros, nas praias do mar do Norte, onde predominam as residências secundárias de muitos

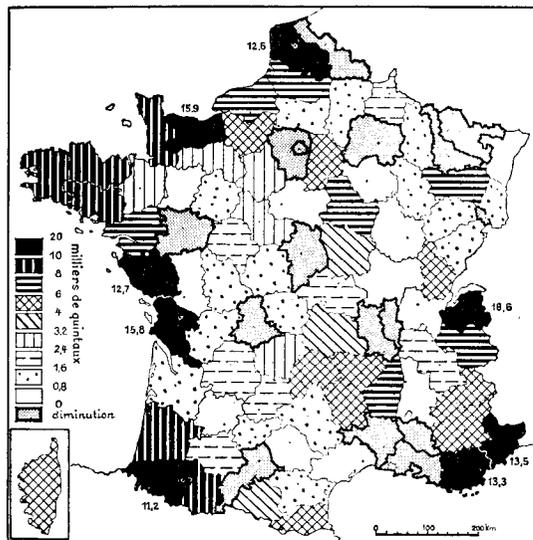


Fig. 3 — Evolução do consumo de farinha. Aumento ou diminuição de Julho e Agosto em relação a Outubro. (Extraído de *Variations de consommation de farine et migration touristique d'été en France*, de F. CRIBIER, *ob. cit.*, fig. 1, p. 20).

residente, afectado pela oscilação económica da indústria da cortiça e pelas perturbações políticas internas e internacionais, bem como pela interferência da moda nos hábitos alimentares tradicionais.

Podemos completar esta série de análises tomando por base o leite, a venda de postais ilustrados e selos, os fluxos telefónicos, a frequência de espectáculos, o movimento nos aeroportos ou a taxa de ocupação dos hotéis. M. DACHARRY⁽²⁴⁾ prendeu-se com os meios de transporte que, no caso considerado — o das ilhas do Mediterrâneo

das férias, desperdício de pão nos hotéis e pensões), importância do turismo de passagem, migrações de veraneio da população autóctone, fazendo que a ordem de grandeza obtida corresponda ao balanço emigração-imigração turística, duração média das estadas. Estas dificuldades poderão ser reduzidas através de simples inquéritos por sondagens numa «população» que seja significativa.

⁽²³⁾ YVETTE BARBAZA, *Le Paysage Humain de la Costa Brava*. A. Colin, Paris, 1966, 716 pp. Ver também de D. CLARY, «La Fréquentation Touristique sur la Côte Normande (1963-1965) par la méthode de la variation de consommation de farine», *Norois*, pp. 473-500, 1967.

⁽²⁴⁾ M. DACHARRY, *ob. cit.*

Ocidental —, facilmente fornecem valores numéricos correspondentes à população flutuante. É interessante lembrar os índices então definidos: *índice de amplitude sazonal*, como a razão entre o tráfico do trimestre de Verão e o de Inverno ou entre os meses de maior e menor movimento de passageiros; *índice de direcção dominante*, como a razão entre o número de chegadas e o de partidas de passageiros de cada mês; *índice de duração sazonal*, obtido pela relação entre o tráfico de cada mês e o tráfico médio mensal calculado para um dado ano, que permite aliás comparar várias regiões turísticas em função do período de frequência, logo a possível rentabilidade dos equipamentos.

L. BURNET⁽²⁵⁾ tentou medir os fluxos turísticos a partir da capacidade total de recepção das regiões: hotéis, pensões, vivendas, apartamentos mobilados, quartos em casas particulares, aldeias de férias, parques de campismo. Avalia assim uma clientela potencial, que se afasta da realidade, não só pela impossibilidade quase geral de precisar aquela mas também porque as leis da oferta e da procura jogam de maneira demasiado complexa neste tipo de mercado. A resultante é variável ao longo do ano e muito sensível a todas as conjunturas económicas e políticas: a elevação do custo de vida ou um câmbio desfavorável podem afectar as correntes que se deslocam habitualmente com destino à Península Ibérica, à Áustria, à Jugoslávia ou aos países do Norte de África.

YVETTE BARBAZA retomou o método, mas o movimento de construção, contínuo e acelerado, tira-lhe o significado, mesmo ao nível dos hotéis; a procura, sempre crescente, leva estes a multiplicarem o número de quartos através de acordos com a população residente e os valores serão sempre matematicamente calculados por defeito; os regulamentos dos parques de campismo não são respeitados nas épocas de ponta; nenhuma estatística separa as residências permanentes das secundárias e das alugadas somente no Verão; as licenças de obras dão apenas ideia do ritmo de crescimento e de melhoramento das construções; os inquéritos à habitação acompanham normalmente os recenseamentos da população e, por conseguinte, para regiões em franco desenvolvimento estão quase sempre desactualizados (diferença entre o número de habitações e o número de fogos); de qualquer das formas, restava avaliar a população que os habita durante os meses de Verão, bastante difícil até porque se desconhece o número de quartos respectivos, o tempo de ocupação, a duração da estada de cada locatário e conseqüentemente o afluxo de visitantes. Na Costa Brava, este é bastante acrescido pelos que, via Barcelona, se dirigem às Baleares, à Costa do Sol ou ao Sul de Espanha — turismo de passagem.

É interessante relacionar a clientela potencial, calculada a partir das possibilidades diversas de alojamento, com a população residente — *taxa de função turística*; e, por semelhança, a taxa de função hoteleira.

⁽²⁵⁾ L. BURNET, «La mesure du flux touristique d'après la capacité d'accueil». *Colloque Géographie et Tourisme*, *ob. cit.*, pp. 16-18.

PIERRE DEFERT foi mais além e, a partir da estrutura da capacidade de recepção, definiu tipos de estâncias de recreio segundo «fórmulas de dispersão social» (percentagem de quartos de hotéis de várias categorias). O método foi seguido por R. BALSEINTE, no estudo de Megève⁽²⁶⁾. No entanto, se nos centros de desportos de Inverno, por diversas razões, a hotelaria se impõe, o mesmo não acontece em muitas praias, e a classificação proposta não pode ser generalizada.

O peso das consequências geográficas das migrações de turismo pode, muito simplesmente, ser deduzido da relação entre a população residente e a população flutuante, durante a temporada de maior frequência. Vila Real-Monte Gordo duplica, no Verão, a sua população, mas a razão em Arcachon, Deauville ou Touquet eleva-se a 10, enquanto na Sardenha era apenas de 0,3. Outra característica moderna se impõe: a contínua substituição da população flutuante, salvo onde predominam as vivendas.

AS AGLOMERAÇÕES URBANAS DE RECREIO

a) Criação de cidades pela necessidade de evasão da vida citadina?

Se recordarmos os primórdios do turismo vemos a eleição de sítios diversos, cuja atracção reside no valor terapêutico do clima, no poder repousante da paisagem, na grandiosidade do relevo, na serenidade dos horizontes dos lagos alpinos ou na luminosidade e azul do céu e das águas, aliada à suavidade dos Invernos, à imensidão do mar e aos recortes das arribas do mundo mediterrâneo.

Nos meados do século XVIII, os iniciadores foram sempre ingleses, o que não é de admirar, dadas as características monótonas e pesadas do clima das ilhas e o facto de que a revolução industrial, económica e urbana começou justamente na Grã-Bretanha, que aliás contava antes com uma importante burguesia, desenvolvida em função do vasto império comercial. Escolheram-se primeiro os litorais meridionais do Canal da Mancha, de clima mais ameno, ainda bastante húmido, mas em todo o caso menos batidos pelos ventos continentais e frios do nordeste e leste. A popularidade daqueles fez que as *élites* mais nobres, ou pelo menos mais ricas, procurassem para lugar de residência secundária outros mais distantes: Nice⁽²⁷⁾, numa magnífica paisagem, frequentada pelos duques de Sabóia e com excelente porto; Chamonix, no mundo alpino, próximo dos glaciares e dos cimos mais elevados da Europa Ocidental (Monte Branco), justamente quando a paixão pelo alpinismo despontava.

As distâncias a percorrer eram longas, os meios de transporte, particularmente os terrestres, demorados e incómodos. A mudança de

residência fazia-se pensando numa permanência de alguns meses; logo, havia todo o interesse em habitar casa própria. Nas colinas soalheiras e abrigadas do mistral, ao lado da Velha Nice, construíram-se vivendas luxuosas, no meio de grandes parques-jardins que lembravam bosques naturais (Cimiez...). Nasceu assim um povoamento original, cuja intensidade na humanização da paisagem parecia fraca; o acesso fazia-se por caminhos tortuosos, acompanhando os relevos e subindo as encostas em caprichosas voltas, por entre vegetação densa. A vida mundana desenrolava-se com recepções em casa e festas nos parques. Um ou dois hotéis de grande luxo apareceram a seguir, sempre nas encostas melhor expostas e junto destes bairros elegantes, para receber aqueles que ainda não tiveram oportunidade de fazer construir os seus chalés ou palacetes (fig. 4). Desta forma se justapõem à Nice das vertentes da colina do castelo, cidade de uns 15 000 habitantes dedicados à pesca e ao comércio, que o porto e a situação de passagem para o Piemonte favoreciam, mas enquadrada pelas montanhas vigorosas e rudes dos Alpes do Sul, divididas em compartimentos isolados e de economia de auto-subsistência, à Nice de feição italiana, de ruas estreitas e cheias de vida..., alguns bairros de climatismo, de fisionomia inglesa, com belos hotéis que recebiam não apenas visitantes daquela nação mas também as melhores famílias dos reinos europeus e da própria Rússia. Vivia-se em casa, entre ingleses, passeava-se nos parques, olhavam-se as paisagens dos terraços e varandas, de acordo com o tradicional espírito de segregação colonial. A aglomeração cresceu segundo moldes novos — disseminação. A estrutura social da época favorecia esta forma de povoamento: criados numerosos e jardineiros asseguravam todo o trabalho. A população de Nice deveria orientar ou especializar o seu comércio em função das exigências de uma clientela que não via nunca e a do campo próximo cultivar os produtos hortícolas mais procurados pelos consumidores invernais, criar aves de capoeira e outros animais e trabalhar na construção das novas e grandiosas habitações. Surgem, em função destas outras actividades, algumas migrações definitivas da montanha para o litoral, e a população da cidade, apesar das vicissitudes políticas e mudanças de fronteira, começara e continuava a aumentar.

Com os meados do século XIX surge a voga dos banhos de mar. Uma vez mais só as *élites* a acompanham. Nice começa a ser frequentada também no Verão e a sua anexação à França diversifica-lhe a população flutuante, mais particularmente depois da construção da linha férrea que a liga a Paris. A beira-mar é arranjada. Ao longo dela surgem novas vivendas, com parques muito mais pequenos, segundo uma dispersão muito menor e alinhando-se a norte do passeio marginal — Promenade des Anglais. Os hotéis de luxo e de primeira classe multiplicam-se também, não nas colinas mas na planície, de um e de outro lado do Paillon, perto daquele passeio e do casino, da ópera e dos teatros, centros de vida social. Os novos espaços a construir situam-se entre a linha do caminho-de-ferro e o mar. A principal artéria de circulação e de comércio ligaria estes dois «pólos» de convergência — estação

(26) RAYMOND BALSEINTE, *Megève ou la Transformation d'une Agglomération Montagnarde par les Sports d'Hiver*, tese de doutoramento do 3.º ciclo, policopiada, Faculdade de Letras de Grenoble, 1960.

(27) L. BURNET, *Villégiature et Tourisme sur les Côtes de France*. Hachette, Paris, 1963, 485 pp.

e praça do casino. Os estabelecimentos comerciais mais especializados e de luxo procuram situar-se na proximidade do centro de maior movimento, logo no largo do casino, à margem da Velha Nice e dos primeiros bairros de estrangeiros. A primitiva disseminação segue-se uma

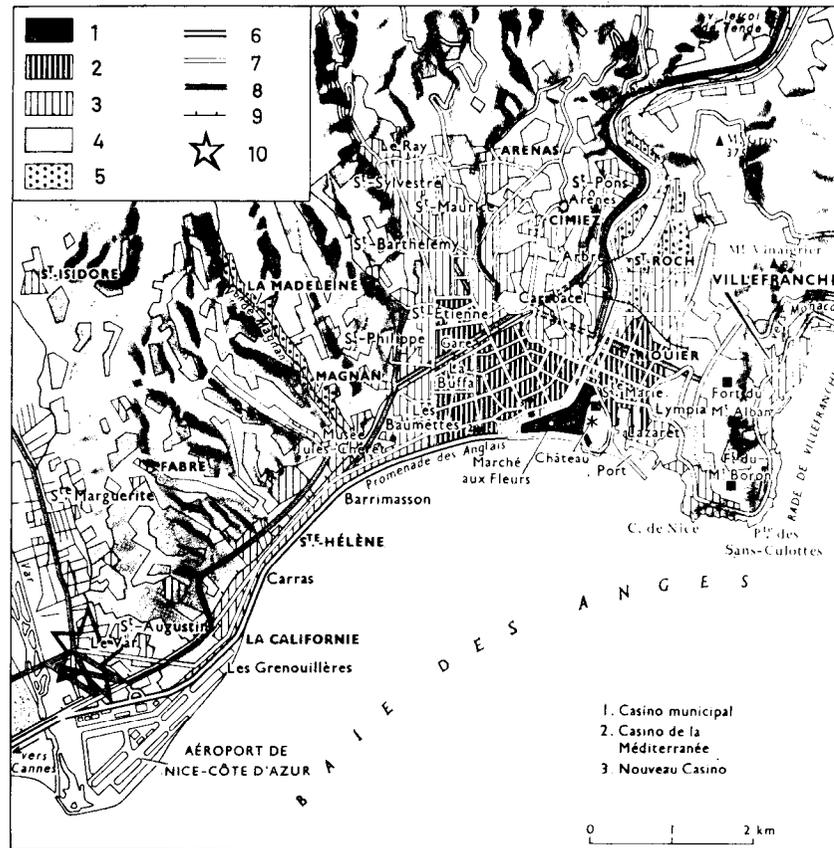


Fig. 4 — Nice. 1 — Núcleo antigo; 2 — área residencial densa; 3 — área residencial pouco densa; 4 — habitações disseminadas; 5 — zona industrial prevista; 6 — estrada principal; 7 — estrada em remodelação; 8 — estrada principal em projecto; 9 — caminho-de-ferro; 10 — área a urbanizar com prioridade (Z. U. P.). (Extraído do *Grand Larousse Encyclopédique*, vol. 77, p. 753).

ocupação mais densa e mesmo a concentração. Aliás, começava a tornar-se dispendioso manter grandes vivendas e parques, facto que se acentuará até que, após a primeira guerra mundial e a crise económica dos anos 30, muitos foram loteados para construção de habitações mais de acordo com as formas de vida social e as possibi-

lidades monetárias gerais; a segunda grande guerra fez acelerar o processo, e, recentemente, muitos hotéis de luxo e muitas vivendas foram e são vendidas para a construção de grandes blocos de apartamentos e hotéis mais modestos⁽²⁸⁾. Toda a Côte d'Azur seguiu uma evolução paralela à de Nice, com excepção do sector de Maures a Estérel, onde a linha férrea passava longe do litoral.

Outras regiões foram também eleitas, umas na proximidade de antigos portos de pesca, de comércio, e de cabotagem, cuja actividade começara a diminuir pela maior tonelagem das embarcações, outras numa terra de ninguém, no meio de dunas e pinhais.

No primeiro caso, como em Dieppe, Honfleur, Trouville, Dinard, Les Sables d'Olonne ou Biarritz, o crescimento fez-se pela justaposição de alguns bairros de estrutura e fisionomia conformes com a topografia e o nível social da clientela. As plantas são então documentos importantes da história humana local: a densidade de ocupação, os estilos urbanos, a imponência ou a modéstia das construções, o traçado geométrico ou sinuoso das ruas e avenidas, e ainda a estruturação geral do espaço, incluindo os subúrbios, permitem caracterizá-la.

No segundo, o da criação de centros balneares, por vezes também climáticos, conforme a latitude a que se situam, as estruturas urbanas são muito mais simples: Toquet-Paris-Plage, Deauville ou Cabourg reflectem bem o espírito racional e geométrico dos promotores. Cabourg é talvez um dos melhores exemplos (fig. 5): eixos principais paralelos ao litoral, interrompidos no centro pelo largo do casino; e, irradiando deste, uma série de ruas, cortadas por outras, em semicírculos, de raios crescentes até à estrada principal que a liga a Deauville, Trouville e Honfleur, bem como a Caen. No litoral oeste, o de La Baule (fig. 6) é também interessante: sobre uma restinga extensa, que acompanha uma larga baía exposta ao sul, criou-se, nos princípios do século XIX, uma bela floresta de pinheiros; foi precisamente por entre esta que, meio século depois, após a ligação por caminho-de-ferro com Paris, uma aglomeração se desenvolveu, segundo um plano, tal como em Deauville, e em função da vida balnear. A unidade do conjunto é dada pelo passeio marginal; a faixa de espaço urbanizado entre os dois limites — litoral e linha férrea —, que aliás são seguidos pelas duas ruas principais, é cortada por uma rede de ruas secundárias perpendiculares, embora com alguns esboços em estrela, dada uma certa diferenciação da topografia dunar. Tal como em Nice, o eixo que liga a estação ao passeio litoral concentra a parte mais importante do tráfego, bem como a do comércio e dos serviços, com dois pólos de cristalização, um junto da estação e outro da praia, mas, ao contrário da capital da Côte d'Azur, o primeiro domina de longe o segundo, tirando portanto ao passeio marginal a vivacidade e o encanto que tanto significam noutros lugares de veraneio. O centro de vida mundana, com o casino, os hotéis

⁽²⁸⁾ O equipamento hoteleiro em quartos de luxo representa hoje apenas 8 p. 100, contra 19 p. 100 em 1900. Veja-se, de J. GINIER, *Géographie Touristique de la France, étude générale et régionale*. Sedes, Paris, 1965, 198 pp.

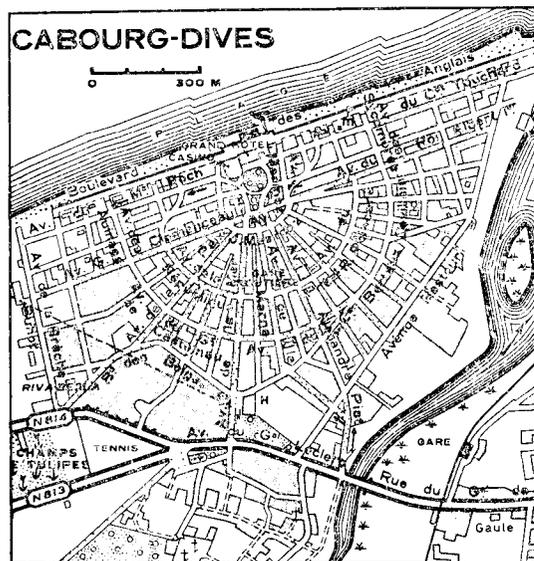


Fig. 5 — Cabourg, com a sua planta rigorosamente geométrica e radial. O casino e o grande hotel definem o centro de irradiação de numerosas ruas, cortadas por outras em semicírculo. Junto da praia, tal como em Nice, o Boulevard des Anglais, formando o passeio marginal, reflecte a nacionalidade da clientela elegante que promoveu o desenvolvimento deste centro de veraneio. (Extraído do *Guide du Pneu Michelin — Normandie*).

comodidade, em parte por motivos económicos, nota-se sempre uma tendência à concentração; e como a criação destas no meio de desertos humanos exige importantes meios financeiros para o estabelecimento das infra-estruturas, cuja rentabilidade, devido à presença estacional da clientela, é sempre problemática, a maioria dos centros de férias proliferou em torno de velhos núcleos populacionais. Em Portugal, por volta de 1875, apenas existiam dois centros que não nasceram junto de aldeias de pescadores — S. Pedro de Muel e a Granja; mesmo os mais elegantes — Paço de Arcos, frequentado pelos diplomatas de Lisboa, e Cascais, pela verdadeira aristocracia — avizinham as modestas gentes do mar.

Mantém o turismo contemporâneo esta tendência à concentração? Três aspectos caracterizam actualmente a clientela: a diversidade social, a disponibilidade de um mês de férias e a posse de um automóvel. Uma importante disseminação é possível, e, para muitos, possuir uma

de luxo e os estabelecimentos comerciais de grande categoria, situa-se num dos extremos. Para lá da linha do caminho-de-ferro ficam os campos de desporto. La Baule é essencialmente um centro de veraneio familiar, dominado por vivendas, e na organização espacial a preocupação de sossego fez localizar na periferia os centros de comércio e de vida social.

Muitos outros exemplos poderíamos recordar em França, mas na Itália, na Espanha, em Portugal mesmo. Por toda a parte, e principalmente nos litorais mediterrâneos, a vida balnear fez crescer ou criou aglomerações, e o processo continua. A densidade de ocupação do solo é variável, as estruturas também,

mas, em parte por

residência secundária num meio calmo e agradável, é a melhor maneira de poder repousar. Todavia, se a casa for alugada, terá muito maior probabilidade de a encontrar numa aglomeração. Aliás, e o Algarve exemplifica abundantemente, a tendência é de fazer construir aldeias turísticas, junto do litoral ou um pouco para o interior, ou complexos turísticos com hotéis, restaurantes, *boites* e cafés, em torno dos quais se estendem as áreas residenciais de vivendas e blocos de apartamentos e, na periferia, os terrenos de ténis, de golfe e os hipódromos; basta-nos recordar o de Vale de Lobo, a leste de Quarteira, e o de Vila Moura

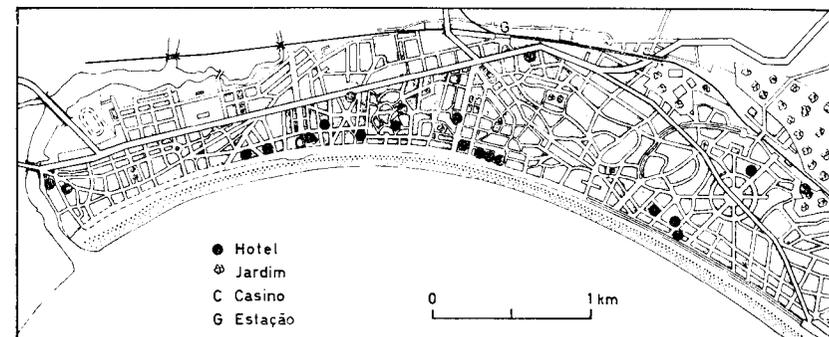


Fig. 6 — La Baule — Junto da baía, a aglomeração estendeu-se, preenchendo o espaço entre a praia e o caminho-de-ferro. A estrutura urbana permite diferenciar o núcleo mais antigo, onde aliás se situa o maior número de hotéis, de quarteirões pequenos, e a parte mais recente, entre a estação, o caminho-de-ferro, o jardim e a praia, à direita da figura, cortada por ruas regulares e radiais. (Extraído do *Guide Michelin, France, 1967*).

(Lusotur), a noroeste da mesma povoação. O campismo ganhou também um carácter comunitário: o campista, tal como o proprietário de uma *roulotte*, não monta a sua tenda onde lhe apetece, mas em terrenos organizados para esse fim, limitados em área e oferecendo um mínimo de equipamentos: água, iluminação, duche, *self-service*, bar, etc.

No caso do turismo de montanha, jogam igualmente tendências complexas. Para o climatismo, a dispersão é possível. Annecy, com modesto equipamento hoteleiro, mantém um movimento comercial extraordinário, não só em função do turismo de passagem, que se dirige a Genebra ou a Aix-les-Bains, mas também como centro de distribuição de serviços, inclusive os de convívio e distracção, de uma vasta região de dispersão turística dos Alpes do Norte. Mas o climatismo anima apenas as altitudes médias, e o que caracteriza mais modernamente o turismo de montanha é a prática dos desportos de Inverno. A vida na montanha é dura durante esta estação. O esquí exige neve abundante nas pistas e, portanto, nas vias de acesso aos

chalés dispersos. O frio obriga a manter continuamente o aquecimento no interior da habitação. O dia é bastante curto e sente-se a necessidade de, com um mínimo de deslocação, frequentar os centros de vida social: os esquiadores normalmente não praticam o desporto mais de quatro horas por dia; os turistas contemplativos têm todo o tempo livre. Assim, nos centros de desportos de Inverno, em alta montanha, é ainda a tendência à concentração geográfica que persiste. «A habitação em chalés isolados só é aceite pelos que visitam pela primeira vez a estância; após a dura experiência de limpar a neve dos acessos e de dar um ambiente acolhedor a uma casa onde tudo está gelado, vem inevitavelmente a preferência pelo hotel e pelo apartamento em propriedade horizontal ou alugados.»⁽²⁹⁾ Os chalés dispersos são mais frequentes nos centros que se desenvolveram a partir de antigas aldeias e vilas, como Chamonix e Megève. Os apartamentos dominam nas estâncias construídas do nada, como Courchevel, La Plagne, Avoriaz. Avoriaz é, aliás, uma das mais jovens estâncias de desportos da neve. Foi inaugurada em Janeiro de 1967 e o projecto prevê que a construção do conjunto termine em 1975. O seu urbanismo é ultramoderno. Dois princípios o orientam: viver sem automóvel (esquis e trenós) e uma arquitectura de mimetismo, integrada e confundida com a paisagem, com telhados de madeira, que vão do lado norte até ao solo, cobrindo-se de neve no Inverno, tal como os montes.

A geografia do povoamento complica-se: formas diversas de dispersão, aldeias e grandes aglomerações, nascidas sob a influência do sol, do mar e da neve. *Deveremos tomar como urbanas estas novas aglomerações?* Se o que caracteriza os centros urbanos são as funções terciárias em favor de uma clientela regional, Nice, com os seus 250 000 habitantes, que organiza um espaço que se limita ao departamento dos Alpes Marítimos, poderá parecer um pequeno centro. Mas Nice vivia e vive do exterior e para o exterior. As flores cultivadas nos seus arrabaldes encontram mercado em todas as grandes cidades da Europa. Os seus hotéis, os seus teatros e os seus restaurantes não dependem da clientela regional. Se nos prendemos à fisionomia, Nice, tal como outras aglomerações de recreio referidas, é um verdadeiro centro urbano. Aliás, não serão as aglomerações de recreio os lugares mais propícios para a elaboração de um humanismo universal? O convívio cosmopolita de gente em férias, despreocupada dos problemas materiais que a absorvem mais ou menos completamente no tempo de trabalho, contribui para o desaparecimento de nacionalismos ou de regionalismos exacerbados. O espírito segregacionista inglês é muito menos marcado hoje; os alemães aprendem a língua dos países que visitam e procuram estabelecer diálogo com os habitantes da região que os recebe; muitos elegem o Algarve ou a costa espanhola para residência, após a reforma. E um desaparecer espiritual de fronteiras antecede o desaparecer político e económico. Claro que este convívio

⁽²⁹⁾ Em comunicações do 2.º Curso de Turismo de Estaciones para Deportes de Invierno. Valle de Aran, 1968.

está permanentemente ameaçado por toda a crise, mas é de salientar que, se estas não se fazem sentir, os lugares de recreio reúnem *homens*; deles poderemos esperar um contributo importante, «uma existência humana exterior e interiormente unificada e a unificação progressiva de uma humanidade dividida»⁽³⁰⁾ pela criação do sentimento de que o mundo é a casa de todos nós. «Se a cidade é feita, antes de tudo, para promover a compreensão e a amizade», como sublinha MUNFORD, grande filósofo da «cultura das cidades», parece-nos que podemos integrar nos tipos urbanos de povoamento estas aglomerações de recreio, apesar da sua vida rítmica, dos seus períodos anuais de pousio que contrastam com outros de intensa vivacidade, animação e convívio.

b) Situação e sítio, factores geográficos na criação das aglomerações de recreio. — De acordo com as diversas formas de turismo, quais os factores que motivam a escolha dos sítios e das regiões de recreio? Abordamos assim a dualidade de solicitações: sítio e situação. Percorrendo evolutivamente vários exemplos, observam-se, com frequência, oscilações entre equilíbrios caracterizados pelo predomínio de um ou de outro, até que, nos últimos tempos, a facilidade de deslocação, encurtando as distâncias-tempo e reduzindo as distâncias-custo, parece impor definitivamente os sítios de real valor turístico. Para as aglomerações de recreio, a afirmação de LAVEDAN, de que as cidades surgem cada vez mais independentes da Natureza, e por vezes contra ela, não parece muito válida. A evolução vai ao ponto de, na Polónia, se proceder à classificação e cartografia das regiões turísticas existentes ou potenciais, segundo tipos definidos pelo poder de atracção, o qual é função da diferenciação do relevo, vegetação, clima, presença de fontes termais, equipamentos (capacidade de recepção por quilómetro quadrado) e movimento turístico (densidade de frequentação). O estudo foi feito por geógrafos e visa facilitar a coordenação dos investimentos dentro da planificação económica geral⁽³¹⁾.

Começemos por reflectir sobre os centros de vida balnear, forma de turismo mais desenvolvida em Portugal. Deixamos de parte as termas, cujos sítios são determinados pelas estruturas geológicas. RAMALHO ORTIGÃO⁽³²⁾ dá-nos uma preciosa imagem das praias da região de Lisboa e a norte desta, nos meados da segunda metade do século passado. A partir de 1850, a atracção pelo mar é geral, tocando não apenas as *élites* cidadinas, nacionais e estrangeiras, aqui residentes, mas também as classes modestas e os rurais das Beiras e do Alentejo. Ao ar marítimo e aos banhos atribuem-se os melhores efeitos curativos. O litoral do País é extenso e as praias são numerosas. A pesca representava uma das principais riquezas e, poucos anos depois, as conservas de peixe alimentam largamente o valor das exportações. Os

⁽³⁰⁾ LEWIS MUNFORD, *La Cité à travers l'Histoire*, Editions du Seuil, Paris, 1964, 720 pp.

⁽³¹⁾ MARIA-IRENA MILESKA, «Classement et cartographie des régions touristiques de Pologne». *Colloque Géographie et Tourisme*. Ob. cit.

⁽³²⁾ RAMALHO ORTIGÃO, *As Praias de Portugal*. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1943.

sectores mais protegidos e de mar mais calmo tinham sido humanizados por grupos de pescadores que, ao abrigo de um cabo, de um estuário, de uma baía ou de uma restinga, instalaram as suas aldeias.

O veraneio foi naturalmente eleger os mesmos sítios, mas não todos — apenas aqueles que se localizavam na proximidade das principais vilas e cidades. Ao lado das casas dos homens do mar surgiram vivendas e novos bairros: a partir de Agosto, mas principalmente em Setembro, as praias animam-se com a presença de forasteiros; as barracas de banhos rivalizam com as barcas na ocupação da areia. Muitas vezes, tal como hoje, alugam-se partes de casa dos marítimos, com mobília, o que representa uma apreciável comodidade para os banhistas da classe popular, que não têm possibilidades de fazer construir uma pequena residência secundária, e também uma achega, embora modesta, para a também modesta classe piscatória.

Na região de Lisboa, as praias de veraneio seguiam-se quase continuamente de Belém a Cascais. Belém tinha já o carácter de um bairro urbano: a feira de Verão atraía muitos lisboetas e a praia mantinha-se animada. Pedrouços é-nos apresentada como o centro da burocracia: a presença de chefes de secretaria, oficiais, amanuenses, tabeliães, guarda-livros, caixeiros, escrivães... dava-lhe o aspecto «de uma secretaria do Estado, ao ar livre»; a densidade de construções proporcionava uma grande intimidade: «pela manhã, a gente abre a janela do seu quarto, deita a cabeça de fora e pode fazer a barba no espelho do seu vizinho do prédio fronteiro». A taxa de ocupação das casas era extrema: vivia-se apertado entre mobílias, louças e fatos, pois cada habitação albergava o agregado familiar, os parentes e os amigos. Paço de Arcos, organizada em torno de uma única rua — a estrada marginal —, reunia diplomatas, ministros, alguns espanhóis e tinha fama aristocrata. Cascais tornava-se o lugar de residência, durante os meses de Setembro e Outubro, das melhores famílias titulares, que em Agosto viviam em Sintra. Era, com efeito, a praia mais elegante do País, e a vila crescia com pretensiosas vivendas, rodeadas de jardins, como a do conde de Vale de Reis, a do visconde da Gandarinha e a da duquesa de Palmela.

O Porto elegera também as suas praias. A da Foz estava para a capital nortenha como a de Belém para Lisboa. Leça e Matosinhos prolongavam-na. Mais a norte, a Póvoa de Varzim servia todo o Minho: «em Agosto e Setembro converte-se numa enorme estalagem com quartos a todo o preço», que recebem gente de diferentes meios, desde os ricos «brasileiros», morgados rurais, juizes, delegados e industriais até aos pequenos agricultores, que levam os filhos aos banhos com a esperança de os fazer fortes e vivaces. A sul do Porto, a Granja, construída na orla de um denso pinhal, num sítio não habitado anteriormente, tal como S. Pedro de Muel, rodeada de todos os cuidados pelos proprietários das vivendas, era sem dúvida «a mais mimosa, a mais familiar e a mais íntima das praias portuguesas».

RAMALHO ORTIGÃO fala-nos ainda de outras praias: Figueira, frequentada por coimbrenses e, no fim da temporada, pelos agricultores

beirões; Espinho, por gentes de Aveiro, Feira e Porto; Nazaré, pelos habitantes de Pombal, Leiria, Torres Novas e ainda pela clientela das termas das Caldas da Rainha; Setúbal, por banhistas do Alentejo e da Estremadura Espanhola.

No Sul, o panorama não era diferente, embora este escritor não nos tenha deixado nenhum testemunho. Cada aglomeração algarvia elegera a sua praia: Lagos, *D. Ana*; Portimão, *Rocha*; Silves, *Pêra* e Alcantarilha, *Armação de Pêra*; Paderne e Guia, *Albufeira*; Boliqueime, *Olhos-d'Água*; Salir, Loulé e Almancil, *Quarteira*. A leste desta desenvolve-se a laguna de Faro e a restinga só encosta à terra firme para lá de Cacela, na Manta Rota.

Monte Gordo, junto da aglomeração de pescadores, abrigada das nortadas pelo pinhal e dispoendo de uma larga extensão de areia fina, desenvolveu-se para servir todo o Sotavento. A iniciativa partiu da *élite* de Vila Real, que, depois de se ter desinteressado das praias fluviais em frente da vila e das da Ponta de Santo António, tornadas muito populares, elegera esta. As mais antigas licenças de armar barracas de banho, conservadas na Capitania do Porto de Vila Real, mostram este mudar de preferências. Juntamente com os pedidos de licenças de obras dos arquivos da Câmara Municipal, permitem definir a estrutura social e a origem geográfica dos veraneantes: industriais, comerciantes, funcionários, proprietários e médicos de Vila Real, a que se juntavam outros de Castro Marim, Tavira, Olhão e Faro. Mas Vila Real, através do porto e do Guadiana, ligava-se tradicionalmente ao Alentejo interior, e as famílias mais abastadas de Mértola, Serpa, Moura e Beja escolhem ainda Monte Gordo, tal como os quadros superiores da empresa da mina de S. Domingos. Do outro lado do rio, em Espanha, o litoral prolonga-se com sapais, salinas e esteiros, e muitos espanhóis da província de Huelva, unidos por laços de família ou de negócio a Vila Real, elegeram-na também. Se procurássemos delimitar a área organizada por cada centro de veraneio balnear até aos meados deste século, víamos como a de Monte Gordo era a mais vasta do Algarve, abrangendo o Sotavento, o Alentejo interior e regiões espanholas vizinhas. O movimento do porto de Vila Real, durante muitos anos o terceiro do País, as minas de S. Domingos, de concessão inglesa, as indústrias de conservas de peixe, estabelecidas por espanhóis, italianos, gregos e franceses, explicam o cunho cosmopolita da sua clientela.

Faro hesita entre Monte Gordo e a Rocha, também prestigiosa, dada a vizinhança imediata de uma vila bastante dinâmica — Portimão. As deslocações para oeste, até às Caldas de Monchique, eram frequentes e o caminho-de-ferro, construído nos princípios deste século, facilitou-as. A decadência continua das armações de atum do Cabo, Ramalhete e Forte e as dificuldades naturais do porto de Faro, levaram alguns capitalistas, agentes de companhias de navegação, industriais e comerciantes de cortiça, de frutos secos⁽³³⁾, de material de pesca e

⁽³³⁾ Os negócios de frutos secos do Algarve e os preços são ainda decididos e fixados nos cafés de Faro.

de conservas de peixe a estabelecerem-se em Portimão e Lagos. Muitos deles fizeram construir vivendas na Rocha. O caminho-de-ferro desviou também a favor das principais praias do Algarve — Rocha, Albufeira, Monte Gordo — uma parte da clientela alentejana que anteriormente frequentava a Costa do Sol, Setúbal e Sines. Entre esta figuram famílias de lavradores abastados que, uma vez terminadas as ceifas, podiam facilmente afastar-se das explorações.

Deste panorama da organização antiga da vida balnear em Portugal, que aliás se manteve até 1960, salienta-se a influência da situação geográfica dos sítios. O movimento não definiu zonas de veraneio, antes se cristalizou em certos pontos, à excepção da vizinhança das duas maiores cidades — Lisboa e Porto. Com uma riqueza tão variada de sítios, não podíamos esperar algo de diferente. Mas em que reside o valor de um sítio para a vida balnear? Na presença de largas extensões de areia fina e limpa, que permitam banhos de sol e jogos diversos, individuais ou colectivos; praias suavemente inclinadas, onde é sempre agradável passear por entre a espuma das ondas; existência de marés que movimentem e misturem as águas, sendo contudo a grande amplitude um inconveniente grave, na medida em que torna necessário andar centenas de metros para alcançar a água em baixa-mar, como sucede em Touquet-Paris-Plage, Trouville e Saint-Malo; mar calmo, de ondulação moderada e temperatura amena; proximidade de uma plataforma submarina rochosa, de modelado caprichoso, em cujas poças se pode brincar, pescar, apanhar moluscos ou crustáceos e as crianças banharem-se como numa tina (Olhos-d'Água); arribas altas, quebrando a extensão da praia e dando-lhe beleza quando o mar bate vigorosamente contra elas; clima da região, e neste aspecto as margens do Mediterrâneo e do Atlântico a latitudes meridionais (Algarve, Marrocos) são excelentes; diversidade topográfica das terras vizinhas; presença de massas florestais, por entre as quais há tendência a disseminar as vivendas e a organizar piqueniques; paisagens rurais e o pitoresco da vida local tradicional... Segundo estes valores, o litoral português apresenta, na verdade, condições excelentes, conjugando influências atlânticas e mediterrâneas e tipos de costa diversos, desenvolvidos no Maciço Antigo ou na heterogeneidade de rochas que formam as orlas sedimentares modernas.

Consideremos agora, para melhor avaliarmos o jogo de influências situação-sítio, outras antigas regiões turísticas. A Côte d'Azur, de Cannes a Menton, é um caso à parte; a sua origem deve-se ao clima de Inverno e a vida balnear justapôs-sc, como por indução, apesar da mediocridade das praias. Na Normandia o problema é diferente: o Verão é fresco e húmido, com ventos fortes de noroeste; as marés, de grande amplitude, deixam a descoberto quilómetros de areia molhada, onde se pode andar a cavalo e mesmo de automóvel (filme *Um Homem e Uma Mulher*); a paisagem rural, monótona na Alta Normandia, é variada, verdejante, bonita, particularmente quando as macieiras estão em flor, no Pays d'Auge. Deauville (fig. 7), uma das estâncias mais mundanas da Europa, foi criada aqui. Uma vez mais a situação se

impôs: perto de Paris, Londres, Bruxelas e de todas as grandes capitais da Europa industrial do Noroeste, os terrenos pantanosos da margem esquerda da Touques foram objecto de um plano urbanístico ambicioso, concebido de acordo com as exigências de uma futura clientela elegante. Deauville continua-se por todo um cortejo de centros: Cabourg, Houlgate, Villers e Blonville, a oeste, e Hennequeville, Villerville e Honfleur, a leste. Razões de vizinhança fizeram também desenvolver a região balnear de Caen, com sete centros, de Courseulles a Ouis-treham-Riva-Bella. As outras cidades de província elegeram igualmente as suas praias:

Rennes — Dinard; Nantes — La Baule; Bordéus — Arcachon; Béziers — Valras; Montpellier — Palavas; Nîmes — Le Grau de Roi... e poderíamos multiplicar os exemplos de manifestações de turismo local.

Nos nossos dias as condições de proximidade são muito menos determinantes. A Côte des Maures, a Costa Brava, a Córsega, o Algarve, as Canárias, regiões excelentemente dotadas pela Natureza, mas marginais em relação às grandes cidades e às principais correntes de tráfico internacional, foram objecto, nas duas últimas décadas, de importantes investimentos; a convergência de volumosos fluxos turísticos, facilitados pela generalização do automóvel e do avião, elevaram-nas ao nível internacional⁽³⁴⁾. Saint-Tropez, Tossa, Benidorm, Estepona, Albufeira, entrando na moda através de artistas, escritores e perso-

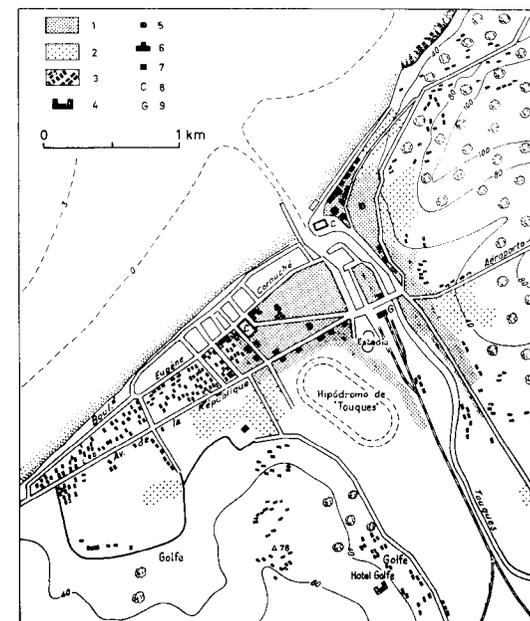


Fig. 7 — Deauville-Trouville. 1 — Área residencial densa; 2 — área residencial pouco densa; 3 — vivendas; 4 — hotel de luxo; 5 — hotel de 4 estrelas; 6 — hotel de 3; 7 — hotel de 2 e 1; 8 — casino; 9 — estação. (Extraído de *Villégiature et Tourisme sur les Côtes de France*, de LOUIS BURNET, p. 419).

⁽³⁴⁾ Outros factores são igualmente responsáveis, em particular o custo de vida nos países pouco desenvolvidos do Mediterrâneo e as vantagens do câmbio; um equipamento hoteleiro moderno favorece, em igualdade de nível de conforto, as regiões que mais tardiamente encontram a sua vocação turística. Apenas a fama clássica dos casinos de Deauville, Cannes, Nice e Mônaco as desfavorecem, retendo os grandes capitalistas da América, da Europa ou da África, atraídos pelo jogo.

nagens de fama mundial da política e dos negócios, ganham um ar cosmopolita. Todas as classes sociais e todas as nacionalidades aí se encontram, embora a maior frequência seja quase sempre inglesa⁽³⁵⁾.

A evolução actual faz-nos pensar numa distribuição do turismo balnear mais conforme com as condições naturais. A mutação dos centros da Alta Normandia é uma prova convincente. Touquet-Paris-Plage⁽³⁶⁾, fortemente marcada na fisionomia pela «colonização» inglesa da alta finança, perdeu a fama dos tempos áureos, anteriores à segunda guerra mundial, e as vivendas e os hotéis de luxo deram lugar a outros mais modestos e a apartamentos mobilados, de acordo com as exigências de uma clientela democratizada e sobretudo regional, não indiferente ao velho prestígio e à possibilidade de utilizar as residências secundárias nos fins-de-semana.

Albufeira exemplifica, todavia, o valor clássico que a posição dos centros de veraneio na proximidade das maiores cidades mantém. O estudo analítico dos elementos climáticos sublinha as excepcionais condições locais e, qualquer que seja o índice de aridez considerado (de LAUTENSACH ou de THORNTHWAITE), a região de Albufeira individualiza-se no conjunto do litoral algarvio. No entanto, só o moderno surto do turismo, em grande parte de origem estrangeira, a elegeu, sem contudo apagar o forte poder polarizante da região da Praia da Rocha, precocemente desenvolvida, que continua a reter os mais volumosos investimentos de capitais.

O turismo balnear não é, no entanto, a única forma de turismo contemporâneo. A ele interessam igualmente os grupos familiares ou excursionistas que visitam praias, campos, regiões montanhosas, centros religiosos e cidades ricas em testemunhos monumentais de outras civilizações: Monte Branco, gargantas do Verdon, Marão ou Gerez, Fátima e Lurdes, Granada, Veneza, Paris, Colónia ou Bruxelas. As termas continuaram a ser frequentadas, e à função de cura e de repouso aliou-se a de recreio, como em Baden-Baden, Bath, Buxton, Harrogate.

A montanha entrou também na moda, o gosto pelo esqui e pelos desportos da neve tende a vulgarizar-se, especialmente com a transmissão dos jogos olímpicos pela televisão. Os centros de desportos de Inverno multiplicam-se e uma vez mais o binómio sítio-situação entra em jogo. O valor de um sítio para o esqui depende da importância qualitativa e quantitativa da área esquiável, a qual é função da temperatura, precipitação sob a forma de neve, qualidade desta, sua altura e duração, velocidade e direcção dos ventos dominantes, insolação,

(35) De notar que na Europa, a capital que mais precocemente cresceu foi Londres: nos meados do século XIX, o condado de Londres (304 km²) contava já com 2 363 000 habitantes, enquanto o departamento do Sena (480 km²) concentrava apenas 1 422 000 habitantes. Londres continuou a aumentar. Paris seguiu, com pequeno atraso, a evolução londrina. A Flandres, a Holanda, a Dinamarca, o Rur, são igualmente regiões muito urbanizadas, embora sem metrópoles com peso demográfico comparável ao daquelas duas capitais.

(36) F. CRIBIER, «Les Estivants au Touquet», *Annales de Géographie*, pp. 37-49, 1965.

morfologia do terreno (dimensão e desniveis das pistas)⁽³⁷⁾, perigo de avalanchas...

As condições naturais parecem determinantes, mas, no conjunto das regiões potenciais, apenas algumas foram construídas. E a proximidade, logo a situação, joga também. Os centros de desportos de Inverno dos Alpes Franceses contam com a clientela de Lyon, Genebra, Grenoble, Marselha e também de Cannes e Nice, ligados pela estrada dos Alpes; nos Pirenéus Espanhóis Orientais, Valle de la Molina e Nuvia, com a de Barcelona; na Serra de Guadarrama, o centro de Navacerrada serve os Madrilenos; foi a vizinhança de Granada, e até de Sevilha, que fez desenvolver o esqui na Serra Nevada. Todavia, a emancipação das distâncias permite ir mais além: no Valle de Aran, um ambicioso plano pretende criar um complexo urbanístico e desportivo que faça da estação de Baquera uma das melhores da Europa; em França, uma equipa pluridisciplinar do Serviço de Estudos da Comissão Interministerial para a Ordenação Turística da Montanha, sob a chefia de M. Michaud, fez o inventário completo dos recursos, uma espécie de atlas dos sítios que apresentavam valor real para o turismo de Inverno, tanto virgens como parcialmente equipados, que servirá para orientar e coordenar as acções do Estado, das colectividades locais e de particulares.

Em todo o caso, tanto os Alpes como os Pirenéus têm uma situação geral favorável⁽³⁸⁾. O mesmo não podemos dizer em relação aos cimos da serra da Estrela. Aqui, as limitações são de todas as ordens: pobreza de sítios, dada a dominância de planaltos graníticos e a limitada variedade de vertentes, reduzidas a pequenas ondulações ou a paredes abruptas; clima oceânico e latitude meridional, que limitam a curtos períodos a existência de neve esquiável; distância das principais aglomerações — Lisboa, Porto, Coimbra —, diminuindo as possibilidades de uma frequência de fins-de-semana.

Para concluir, podemos afirmar que, tal como nas aglomerações de trabalho, o sítio e a situação são factores importantes no desenvolvimento de centros de férias, tanto mais que a rentabilidade nem sempre permite o investimento de importantes capitais quando outras necessidades de base se impõem.

INFLUÊNCIAS DO TURISMO NA VIDA REGIONAL

Com este tema abordamos um campo de estudo inesgotável e extremamente complexo, onde afirmações e conclusões, por bem documentadas que pareçam, têm forte probabilidade de ser contraditadas. Os juízos diferem entre o pescador, o camponês, o industrial

(37) É de desejar várias classes de pistas para esquiadores de todas as categorias, embora cada pista deva ser homogénea na sua classe: pistas muito fáceis para as crianças; pistas médias para a maioria da clientela, que quase sempre começou a esqui já adulta; pistas para os atletas, os quais todavia passam a maior parte das horas nas pistas de nível médio.

(38) Ver as comunicações do 2.º Curso de Turismo de Estações para Deportes de Invierno. Valle de Aran, 1968.

ou o economista e, no geral, são muito subjectivos. Cremos que o melhor caminho para penetrar nesta problemática e na estratégia do turismo no desenvolvimento regional será o de recordar os respectivos efeitos nas regiões mais afectadas pelo turismo de massa.

Os Alpes Franceses poderão constituir o primeiro exemplo. Escrevendo a propósito da região de Lyon, J. LABASSE e M. LAFERRÈRE⁽³⁹⁾ consideram-na como «uma das actividades mais pitorescas e mais instáveis», mas bastante importante, pois a região ocupa o segundo lugar quanto ao número de dormidas registadas em França, depois de Paris e antes da Côte d'Azur. Os sectores principais são o Jura e os Alpes, onde aliás o turismo é muito antigo, mas foi sempre modernizado. As peregrinações atraíam nacionais e estrangeiros desde a Idade Média, e muitas são actualmente activas⁽⁴⁰⁾. Foi, todavia, o «culto» das termas, renovado nos princípios do século XIX, que determinou um surto maior — Evian, Aix-les-Bains, Saint-Gervais —, não só através dos efeitos curativos ligados à composição química das águas, mas também porque, tal como no período romano, estas se tornaram lugares de convívio elegante, pelo que no geral associavam à função terapêutica a de recreio organizado em belos parques e luxuosos e afamados casinos.

A terapêutica oferecida pelas águas termais associou-se a dos climas das montanhas, particularmente para tuberculosos ou convalescentes e naturezas débeis. As duas funções são de início distanciadas, mas ambas contribuem para aumentar a densidade populacional, e por vezes acabaram por se justapor.

No entanto, as paisagens da montanha média atraem turistas desde o século XVIII. A escalada do Monte Branco, em 1787, chamou a atenção para os cimos. Excursões e alpinismo, depois a curiosidade pelas neves eternas de Chamonix, esboçam a futura revolução turística dos Alpes. São os Ingleses que mais procuram o Monte Branco ou o Pelvoux. Os equipamentos correspondentes começam a desenvolver-se na segunda metade do século XIX e Chamonix define a sua função de «capital do alpinismo». Os transportes organizam-se, nos fins do século, de modo a ligar as linhas gerais de trânsito aos sítios mais pitorescos e grandiosos, e novas estradas foram construídas, como a dos Grandes Alpes, atravessando a montanha segundo um meridiano, de Albertville a Nice.

Já no nosso século, a seguir à primeira grande guerra, entram em moda os desportos da neve, que, associando-se ao climatismo, o completam no tempo: duas estações, de Inverno e de Verão. Apenas as exigências das condições naturais divergem em parte e a exploração nem sempre é fácil: o veraneio coge as altitudes médias, enquanto o esqui, para salvaguardar a possibilidade de um maior

período de actividade, prefere as mais elevadas, e as novas estâncias situam-se hoje a quase dois mil metros, para lá da zona de povoamento permanente, ao abrigo dos nevoeiros dos vales e com acesso rápido a pistas de boa neve, sob um céu limpo (Val-d'Isère, Chamonix, Courchevel...), mas muito chuvosas durante o Estio, pelo que muitos hotéis fecham temporariamente.

Quais os efeitos deste desenvolvimento do turismo de montanha? Concretizemos, seguindo o estudo de Megève, de RAYMOND BALSEINTE. Velha aglomeração, na extremidade setentrional do Vale de Arly, à latitude aproximada de Lyon e a 12 km de Saint-Gervais, 13 km de Sallanches, 35 km de Chamonix e 71 km de Genebra, Megève foi, primeiro, lugar de veraneio e depois completamente transformada pelos desportos de Inverno.

Antes do turismo, as suas modestas funções de centro regional não conseguiam dinamizar a economia e evitar o êxodo rural da população activa e jovem a favor de Paris e do Canadá, bem como a descida invernal de muitos homens em busca de trabalhos humildes na terra chã ou nas cidades, trabalhos que permitissem o próprio sustento, de modo a não sobrecarregar, pela presença, a miséria alimentar dos que ficavam.

O veraneio precedeu o esqui: em 1911 a pirâmide demográfica era menos desequilibrada do que nos fins do século anterior e a sua estrutura profissional indicava um ténue surto das funções urbanas. No entanto, até 1920, cerca de dois terços das famílias continuavam a viver da agricultura tradicional, com base em cereais, batatas e legumes, da criação de gado bovino e ovino e fabrico de manteiga e queijo, da exploração das florestas e de um modesto artesanato. Apenas estavam construídos 3 hotéis, com 93 quartos, mas a evolução seria rápida a partir de então.

A geografia de Megève, pela *situação*, referida atrás, pelo *sítio*, rico em vertentes de declives variados, desenvolvidas em xistos e argilas, pela *altitude*, que favorecia a regularidade da presença da neve, e pelas paisagens vizinhas, despertou-lhe uma «nova vocação», a dos desportos de Inverno, e com ela uma mudança completa na dimensão e fisionomia urbana e nos modos de vida dos habitantes. A situação política desse pós-guerra favoreceu os centros alpinos, eleitos pela aristocracia francesa, inglesa e belga, que evitava, deste modo, o contacto com a alemã em Saint-Moritz — baronesa de Rothschild, rainha Elisabeth, Alberto I da Bélgica. Para esta nova clientela foi construído o grande hotel de luxo do Mont d'Arbois, a 1270 m de altitude, e, em 1922, organizado um comboio expresso Paris-Saint-Gervais.

Em 1930 a vila foi descrita como um enorme *chantier*: chalés, construídos pela população local, e hotéis, na sua maioria por suíços. «As construções duplicam todos os anos», as velhas habitações são completamente remodeladas, de modo a oferecerem o conforto que o visitante deseja! A capacidade hoteleira continuou sempre a crescer, e, em 1963, contavam-se 93 hotéis, com 1900 quartos. Um casino de fama, uma escola de esqui, com mais de 70 monitores, e um equipa-

(39) JEAN LABASSE et MICHEL LAFERRÈRE, *La Région Lyonnaise*, Coleção «France de Demain», n.º 4, P. U. F. Paris, 1960, 160 pp.

(40) Os lugares de peregrinação são normalmente dominados por pontas, máximas em certos dias, ou por um turismo de passagem que pára apenas algumas horas.

mento desportivo numeroso fazem de Megève uma das grandes estâncias de desportos de Inverno dos Alpes, *snoö* sem dúvida, mas sobretudo polivalente, ao mesmo tempo mundana e familiar.

As novas funções, oferecendo trabalho e quebrando o isolamento e a solidão, acabaram por fazer parar a hemorragia demográfica. Os hotéis, o comércio em geral, a construção civil, os transportes e as actividades directamente turísticas contribuíram para fazer crescer a população, que, em 1911, era de 1700 habitantes, em 1954 de 3700 e em 1962 de 4900, dos quais 2800 na aglomeração, não apenas em função de uma nova vitalidade demográfica, pela fixação de jovens, mas também pela corrente de imigração desencadeada. Nos princípios desta década, Megève recebia anualmente cerca de 30 000 visitantes: franceses da região de Paris, belgas, holandeses, suíços, alemães, italianos, ingleses, americanos, desportistas uns, contemplativos outros, que lhe davam um cunho bem cosmopolita.

Entretanto, a população agrícola representava, em 1962, apenas 27 p. 100 da população activa. A agricultura evolucionara também: decresceram as produções de batatas e cereais; as pradarias baixas vão desaparecendo à medida que são vendidas para a construção e com elas cessa a possibilidade de alimentar os gados durante o Inverno, logo o número de cabeças reduz-se e a criação orienta-se fundamentalmente para a produção de leite; as explorações rurais aumentam em superfície, pois, do ponto de vista agrícola, a terra desvaloriza-se perante os salários ou os lucros do comércio. A vida é menos dura, as habitações são mais confortáveis, existem lugares de convívio e de distração, estabelecem-se contactos humanos. A emigração deixa de apaixonar os jovens. Como seria possível não amar esta terra tão procurada por outros de países distantes ⁽⁴¹⁾?

A influência do turismo em Megève parece francamente positiva. Permitindo uma diversificação de funções e um quadro de vida menos austero, a população residente, não demasiado enfraquecida pela emigração, soube acompanhar a evolução e tirar partido, na medida das suas disponibilidades financeiras e das capacidades de iniciativa. A evolução demográfica é um bom índice. Megève representa talvez o exemplo mais feliz de transformação de uma vila de montanha num centro de férias, animado sobretudo durante o Inverno, mas que mantém um veraneio importante ⁽⁴²⁾. Subsiste um problema, aliás geral: o complexo de frustração dos rurais, perante a disparidade económica e social que os separa dos comerciantes e dos turistas. Após um período de coexistência turismo-vida rural, esta não acabará por desaparecer? É ainda RAYMOND BALSEINTE que fala de equilíbrio relativo e precário quando considera a economia de Megève. De qualquer das formas, mesmo sem esta observação, não podíamos generalizar e ver no desen-

⁽⁴¹⁾ RAYMOND BALSEINTE, «L'évolution démographique des stations de sports d'hiver françaises de 1954 à 1962», *Colloque Géographie et Tourisme*, ob. cit., pp. 29-33.

⁽⁴²⁾ Em 1957, 44 p. 100 das dormidas registaram-se durante o Inverno e 40 p. 100 no Verão. Números indicados por J. LABASSE e M. LAFERRÈRE, ob. cit.

volvimento do turismo a solução contra a miséria das montanhas. Muitas outras regiões, igualmente orientadas para os desportos de Inverno, por diversas razões — curta duração da temporada, aleatoriedade da mesma, deficiência de equipamento desportivo, aliás de amortização lenta, concorrência de outros centros mais activos —, continuam a perder população (Tignes, Notre-Dame-de-Bellecombe) ou estagnam [Saint-Étienne-de-Tinée, satélite da Côte d'Azur; Chamrousse, estação de fim-de-semana para Grenoble; Métabief, estádio de Besançon e Dijon ⁽⁴³⁾].

A evolução é ainda mais problemática quando todas as iniciativas vêm do exterior. A população local fica marginal, como que segregada, continua a alimentar uma importante emigração e a perpetuar as formas mais arcaicas de agricultura e de economia, até que acaba por ser totalmente substituída. Em Chamonix, a vida rural desapareceu e toda a actividade gravita em torno do turismo. A população de origem local representa apenas cerca de 40 p. 100 dos eleitores.

Também para muitas ilhas o turismo constitui o motor capaz de acelerar ou desencadear um surto da economia — Madeira, Canárias, Baleares, Córsega. O exemplo desta merece ser considerado ⁽⁴⁴⁾. A ilha corresponde a uma das regiões mais pobres e menos dinâmicas do território francês. No decurso deste século, a emigração fez diminuir a população de 25 p. 100 e dois terços da residente concentram-se em Bastia e Ajaccio. O nível de consumo é muito baixo, pela falta de rendimentos e pelo custo anormal dos produtos, bastante onerados pelo transporte, o que aliás afasta os próprios funcionários. Por toda a Córsega, muitas terras, outrora cultivadas, estavam invadidas por mato e os socalcos desmoronavam-se continuamente. Os produtos básicos da alimentação vinham de fora e, em compensação, a ilha apenas distribuía castanhas, de colocação difícil nos mercados de Nice, Marselha ou Lyon, e algum queijo de cabra. A pesca, rctineira e artesanal, mal satisfazia as necessidades locais. Em frente da Côte d'Azur (240 km de Nice a Ajaccio), vizinha da Sardenha, onde um esforço considerável de valorização se processara nas últimas décadas, com alguns sectores susceptíveis de aproveitamento agrícola moderno e rica em maravilhosas paisagens — «Ilha da Beleza» —, a Córsega podia esperar uma outra evolução.

Em 1957 formaram-se duas sociedades de economia mista — a Somivac e a Setco — encarregadas, respectivamente, de promover o desenvolvimento agrícola e turístico, confiando-se uma vez mais ao turismo a atracção de capitais extra-regionais. Enquanto a Somivac prossegue os trabalhos de emparcelamento, a constituição de explorações rentáveis e a construção de obras de rega, a Setco organiza parques de campismo e constrói hotéis. Tal como nas regiões montanhosas desfalcadas pela emigração, sem recursos, sem capitais e sem homens, torna-se extraordinariamente difícil conseguir alojar, alimentar,

⁽⁴³⁾ RAYMOND BALSEINTE, ob. cit., pp. 33-36.

⁽⁴⁴⁾ MONIQUE DACHARRY, ob. cit.

servir, distrair... os visitantes. O fluxo turístico inicial era superior às capacidades da ilha, mas a mutação começava apenas quando M. DACHARRY⁽⁴⁵⁾ fez o estudo e, possivelmente, o mais importante efeito da programação foi o «de libertar a população da Córsega do seu sentimento de abandono» e comunicar-lhe a esperança e a coragem que a poderão levar a participar na reforma em curso.

Deve-se a ETIENNE JUILLARD⁽⁴⁶⁾ o conhecimento da evolução económica, social e geográfica da Côte des Maures, desencadeada também pela presença de muitos turistas. Nos princípios do século passado, a parte meridional dos Maures oferecia a imagem clássica das terras mediterrâneas. Sob um clima de segura estival bem marcada, em solos medíocres, desenvolvera-se um género de vida agro-pastoril, com base na policultura de cereais, oliveira, vinha, castanheiros e na criação de gado bovino, ovino e caprino. A circulação era difícil, a população concentrara-se, primeiramente, em modestas aldeias alcandoradas e, depois, vencidas as condições de insegurança, dispersara-se por casais até ao litoral. Pouco havia para vender: Saint-Tropez assegurava exportações diminutas de azeite, vinho e cortiça e uma pesca modesta num mar aliás não rico de peixe. As planícies insalubres justapunha-se, nas colinas, um cadastro irregular, descontínuo, de pequenas parcelas de cultivo, arroteadas por vezes com a ajuda de queimadas.

Nos meados do século, a ligação ferroviária Toulon-Saint-Raphaël quebrou o isolamento do sector interior e as estações concentraram o movimento comercial. Nas terras baixas vizinhas renova-se a agricultura em função dos mercados que lhe foram abertos; Saint-Tropez, protegida pelas muralhas, vai viver cada vez mais para si, perdendo o movimento de cabotagem que a animara antes. Como a velha policultura mediterrânea não conseguira reter grande parte da população local, as exigências de mão-de-obra, correspondentes à intensificação agrícola, promovem a primeira vinda de imigrantes italianos. Quando, mais tarde, Saint-Tropez foi ligada àquela linha férrea, a renovação estende-se até ao litoral.

Dois caminhos se abrem: as paisagens costeiras, o pitoresco do velho porto, as praias da baía de Cavalaire e do golfo de Saint-Tropez, o clima ameno e não sujeito ao mistral, tornavam possível uma evolução paralela à da vizinha Côte d'Azur; as planícies e as encostas das colinas médias podiam também ser votadas à cultura da vinha, de flores ou de primícias. Uma vez mais a população local, envelhecida e sem capitais, ficou indiferente. Começou a colonização da Côte des Maures por sociedades de capitalistas de Marselha, Lyon e Toulouse e desde então a evolução regional escapa totalmente aos naturais. Compram-se terrenos, concentram-se propriedades, intensifica-se a agricultura, constroem-se os primeiros hotéis. Os velhos proprietários aguardam a ocasião de bem vender as terras e partir. As curvas demo-

⁽⁴⁵⁾ *Idem, ibidem.*

⁽⁴⁶⁾ E. JUILLARD, «La Côte des Maures», *Revue de Géographie Alpine*, 1957. É de salientar o valor metodológico deste estudo, bem como a sua unidade e clareza.

gráficas das comunas invertem-se: as aldeias mais isoladas do interior perdem população e o porto retoma, com maior dinamismo, as suas funções. A aglomeração estende-se para lá das muralhas, fixam-se algumas indústrias e repetem-se os loteamentos no meio de terras de vinha ou de vertentes de pinhal e mimosas. E a metamorfose das paisagens prosseguiu, com ritmos variáveis, até hoje.

Paralelamente, formou-se uma nova estrutura social, diversificada e dominada por gente de fora. Neste mundo em franca mutação deixou de haver lugar para os agricultores tradicionais, incapazes de se adaptarem à viticultura e horticultura modernas, e a maior parte das famílias, pela emigração de gerações sucessivas, extinguiu-se. Aliás, a especulação desencadeada na compra de terrenos estimulava a venda da herança familiar e o partir para outras regiões menos ameaçadas pela elevação do custo de vida e onde não faltaria trabalho. O mesmo fizeram muitos operários das fábricas de cortiça e de tapetes de Saint-Tropez, vencidos pela escassez e custo dos alojamentos. Mas a imigração compensou estas partidas, e, sobre um fundo de paisagens ainda marcadas pelo tradicional, move-se uma população nova, de outros lugares da França e da Itália.

A região desenvolveu-se, enriqueceu-se, tornou-se conhecida à escala mundial. O sentido da evolução não o previram os habitantes que a temeram desde os primeiros sintomas. Actualmente, a terra é-lhes por completo estranha: há estradas por todo o lado; os casebres onde nasceram foram transformados em lindas vivendas; as parcelas, cultivadas durante gerações sucessivas pelos seus antepassados, são magníficos quintais ou jardins; no porto não verão mais o pescador amigo, olhando a barca, mas luxuosos iates; por entre as árvores familiares dispersam-se tendas e *roulottes* de forasteiros exóticos. Apenas «a vinha e a indústria da cortiça atestam que as velhas actividades não se extinguíram totalmente, o que não impede que o turismo e todo o movimento comercial que o acompanha venham hoje, de longe, à cabeça das diversas funções económicas da região».

A Côte d'Azur, estudada por B. KAYSER⁽⁴⁷⁾, oferece uma experiência também de considerar. No litoral, submetido ao turismo desde o século XVIII, nasceram várias aglomerações que acabaram por polarizar o crescimento, organizando uma vasta região turística, a mais afamada da Europa. Nice, Cannes e Mónaco drenaram a seu favor os capitais regionais e mesmo mundiais, para se equiparem de modo a servir a burguesia internacional. Mas «o seu campo de acção é o mundo, não a região», e à semelhança da Côte des Maures, mas mais precocemente, o mundo rural, dominado pela crise da agricultura tradicional, encontrou na emigração distante uma saída. Nas proximidades das vilas e ao longo dos vales surgem algumas culturas especulativas e as estufas para flores, animadas pelo novo mercado-gare de Nice, difundem-se; além das dificuldades inerentes a um artigo de luxo, sentem

⁽⁴⁷⁾ BERNARD KAYSER, *Campagnes et villes de la Côte d'Azur. Essai sur les conséquences du développement urbain*. Éditions du Rocher, Monaco, 1958, 563 pp.

a concorrência da própria aglomeração, no espaço e na água de rega; o mesmo se pode dizer quanto à fruticultura e horticultura.

Saint-Paul-de-Vence é um bom exemplo de uma vila do interior metamorfozada pela clientela da Côte d'Azur; poderíamos citar outras. A função residencial dos campos cresce; muitos reformados vêm aí habitar todo o ano. A vida rural e a população indígena desaparecem pouco a pouco na zona de contacto das cidades e do campo. Imigrantes de Itália cultivam aqui e ali, temporariamente, algumas terras, «mas uma economia em crise retém com dificuldade uma população imigrante e uma população tão instável não pode criar uma economia firme e progressiva» (48).

Não é diferente, nos traços gerais, a evolução recente de Benidorm, estudada por V. MARTINEZ (49) e que constitui um dos melhores exemplos do desenvolvimento do turismo no Levante espanhol, que se expande pela Costa do Sol em direcção a Algeciras. Alguns quilómetros a norte de Alicante, a região de Benidorm oferecia a paisagem mediterrânea do Levante, com montanhas vizinhas do mar e superfícies baixas, interrompidas por colinas, por onde medravam campos de cereais plantados com oliveiras, amendoeiras e alfarrobeiras, e aqui e ali algumas manchas de regadio, alimentado com água de poços, elevada por noras, e, nos últimos anos, de um canal de rega. Benidorm era um aglomerado de pequenos proprietários e de pescadores. Na sua baía armou-se durante séculos uma armação de atum. Em 1918 foi construído o molhe de abrigo, o que reflecte um certo surto da pesca, que, aliás, levou à mecanização da mesma a partir de 1928, sem que a produção fosse jamais importante: 450 t em 1958. Estas actividades não retinham o saldo fisiológico, que partia sobretudo para Barcelona.

Logo após a segunda guerra mundial, a povoação tornou-se o centro de veraneio de muitos madrilenos. A sua situação, vizinha da estrada litoral que liga a Catalunha à Andaluzia, favoreceu a permanência de alguns turistas estrangeiros. E de forma espectacular, Benidorm experimentou durante menos de dez anos uma considerável mutação. Em 1960 a população flutuante que aqui passou o Verão foi avaliada em 50 000 pessoas, multiplicando por oito a população residente, que passara de 2726 em 1950 a 6259 em 1960. Os veraneantes madrilenos perderam todavia posição relativa — 47 p. 100 em 1953 e 35 p. 100 em 1960 —, enquanto os alemães se elevaram a 23,9 p. 100 e os ingleses a 8,1 p. 100. A capacidade hoteleira, avaliada em número de camas, era, em 1962, de 2700, mas estavam já construídos 798 apartamentos e a população permanente alugava muitos quartos.

A evolução faz lembrar as de Albufeira e de Armação de Pêra, embora numa outra dimensão e de certo modo mais precoce. Os reflexos do desenvolvimento do turismo não são diferentes: investimento de capitais estrangeiros nas maiores realizações, elevação das rendas das

(48) *Idem, ibidem.*

(49) VICENTE SARRION MARTINEZ, «Benidorm, um núcleo turístico em expansão», *Anales de la Universidad de Murcia*, vol. XXIII, n.ºs 1-2, 1964.

casas, valorização extraordinária dos terrenos, crescimento urbano com a justaposição de bairros novos, elevados muitas vezes em altura, em contraste com o núcleo antigo que experimenta também alguma remodelação; vivendas e núcleos residenciais autónomos, salpicando o litoral vizinho; corrente imigratória de operários e empregados do terciário, desaparecimento da emigração e fixação definitiva de alguns alemães, ingleses e antigos colonos do Norte de África, pelo que se explica o acelerado crescimento demográfico; desinteresse geral pela agricultura quando a região oferece trabalhos muito mais bem remunerados; muitas terras não são cultivadas e as amêndoas ficam abandonadas nas árvores.

O afluxo de capitais, que a abertura de sucursais bancárias testemunha, poderá tornar-se num dos principais factores do desenvolvimento regional, mas, tal como observamos para Albufeira, esta circulação de dinheiro é muitas vezes simples fonte de ilusões: aparência de fortuna, quase sempre ainda artificial e muito vulnerável! O aumento do consumo na população residente não traduz uma prosperidade estável: «o enriquecimento real mede-se pelo aumento da produção sob todas as suas formas...».

O turismo moderno corresponde a uma das mais volumosas migrações da história da humanidade. A sua contemporânea democratização, traduzida na amplitude dos fluxos e respectiva difusão, está em relação com os progressos económicos e sociais, o fenómeno urbano, o desenvolvimento dos meios de transporte e certas formas de pensar da civilização deste século, pelo menos nos países ricos.

Estudado primeiramente por economistas, quando os desequilíbrios das balanças comerciais, na altura da crise de 1930, se impuseram às políticas governamentais, foi-o em seguida por sociólogos e geógrafos. Na verdade, desde a época do turismo aristocrático até aos nossos dias, estas migrações de recreio constituíram um motor da evolução das paisagens dos lugares de convergência, cuja potência e aceleração não cessou de crescer. Do nosso ponto de vista, importa salientar alguns aspectos: novas e cíclicas densidades demográficas regionais, criação de formas diversas de povoamento, desde a perfeita disseminação às grandes concentrações, organização funcional do espaço através da atracção dos serviços turísticos dos principais pólos, incidências múltiplas nos géneros de vida e nas economias tradicionais, remodelação de velhas aglomerações... Nestas notas, compiladas pela leitura atenta de uma diversa bibliografia, procurámos salientar alguns caminhos de investigação. O turismo revelou-se, todavia, como um dos mais complexos factores geográficos, e também sociais. Extremamente sensível às crises económicas ou políticas, e, mais simplesmente, às flutuações da moda e da publicidade, torna delicada a escolha de uma orientação do desenvolvimento tomando-o como base. E, muitas vezes, os interesses nacionais e regionais não se sobrepõem. A escala das pequenas regiões, o surto do turismo suscita problemas vários: competição no uso do solo, como nas pradarias das montanhas afectadas pelo esqui ou nas praias de varagem dos barcos de pesca; disparidades entre a população

residente e as classes ricas que, muitas vezes, passam indiferentes; grande desproporção entre a aglomeração que acolhe e o volume da clientela convergente; dependência de uma procura de origem distante, etc.

Como salienta LABASSE ⁽⁵⁰⁾, a elaboração de qualquer programa regional de desenvolvimento do turismo deverá ser sempre precedida de um exame rigoroso dos dados geográficos que condicionam a sua realização. Deste modo, o turismo interessa duplamente à Geografia: factor de explicação de paisagens existentes e motor de criação de novos ambientes humanos, onde será de desejar o estabelecimento de múltiplos contactos sociais, com osmose de culturas, sem detrimento das personalidades, e colaboração económica a favor da população local.

CARMINDA CAVACO